

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA JULIA GOTARDELO

SENTIDOS SOBRE O CORPO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO:
POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS

UBERLÂNDIA

2019

ANA JÚLIA GOTARDELO

SENTIDOS SOBRE O CORPO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO:
POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo no ano de 2019.

Orientação: Prof. Dr. Vinicius Durval Dorne

UBERLÂNDIA

2019

SENTIDOS SOBRE O CORPO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO:
POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo
no ano de 2019

Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

Uberlândia, 9 de dezembro de 2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – (UFU)
Orientador

Ma. Diélen Borges – (UFU)
Examinadora

Prof. Dr. Israel de Sá – (UFU)
Examinador

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar os agradecimentos desta pesquisa falando de outras pessoas que não meus pais. Meu pai e minha mãe são os maiores responsáveis por eu estar hoje finalizando o curso de Jornalismo na UFU. O apoio que recebi e recebo há 4 anos por cada decisão que tomei e tomo em minha vida profissional e pessoal não tem valor ou qualquer forma suficiente de agradecimento. Com eles, aprendi a valorizar e a entender a vida. Reconheço o privilégio que tenho ao ter pais e uma irmã que, além de família, são meus amigos e parceiros.

Agradeço também meus amigos de turma e de vida que estavam disponíveis para me ouvir quando o desespero batia, e fazer rodas de conversas e desabafos sobre nossas monografias. Vocês foram importantíssimos no processo de manter a calma e sentar pra escrever essa pesquisa com a certeza de que tudo daria certo no final. Tenho certeza que o fim desse curso não representa o fim de nossa amizade. Aliás, apenas o começo. Vocês foram essenciais nessa jornada. Aqui, não cito nomes. Vocês sabem quem são.

Também não posso deixar de agradecer meu orientador Vinícius Dorne pelas didáticas orientações quando eu não sabia se estava no caminho certo. Ele me ajudou pra que eu estivesse. Além disso, sinto gratidão também a todos os professores que me deram aula durante os últimos quatro anos neste curso. Cada um de vocês foi especial para construir quem sou hoje.

“Será que a minha aparência vai se sobrepor ao
que eles imaginam que seja a qualidade do meu
trabalho? Esse receio existe.”

(MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

GOTARDELO, Ana Júlia. **Sentidos sobre o corpo da mulher no mercado de trabalho:** por uma análise discursiva do podcast maria vai com as outras. 70 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa procura compreender as relações de sentidos dos enunciados sobre a relação entre corpo da mulher e mercado de trabalho produzidos no episódio “Às vezes não gosto da minha cara” da segunda temporada do podcast Maria Vai Com As Outras. Por meio da Análise do Discurso francesa de orientação Foucaultiana, investigamos as condições de possibilidade que tornaram possíveis o surgimento destes enunciados sobre o corpo da mulher e os sentidos que foram (re)produzidos. Para tanto, temos a seguinte pergunta discursiva: “Como o corpo da mulher é discursivizado no podcast Maria Vai com as Outras?”. Para tanto, recortamos dez falas das três entrevistadas do referido episódio do podcast em que elas relacionavam seus corpos com suas profissões com o objetivo de compreender como, discursivamente, foi construído o corpo da mulher em diferentes áreas de trabalho, e também de entender o funcionamento discursivo de enunciados que constroem verdades para esses sujeitos. A partir das análises, observamos que os enunciados sobre a relação das profissões com os corpos das mulheres se inscrevem em dado movimento de resistência aos discursos machistas que objetificam a mulher em determinadas profissões – e, nesse esteio também, são atravessados e constituídos, na contradição própria da linguagem, por esse mesmo discurso –, o que representa uma vontade de quebra de padrões e paradigmas, num cenário em que o movimento feminista busca construir verdades (outras) para a mulher, seu corpo, e sua atuação no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Análise de Discurso Foucaultiana; Culto ao corpo; Mercado de trabalho; Mulher; Podcast.

GOTARDELO, Ana Júlia. **Sentidos sobre o corpo da mulher no mercado de trabalho:** por uma análise discursiva do podcast maria vai com as outras. 70 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

This research seeks to understand the relationship between utterances about the relation between woman body and job market that circulate through the episode “As vezes não gosto da minha cara” of the Maria vai com as Outras podcast. . Through Foucault's Discourse Analysis, we investigated the conditions that made possible the emergence of the woman body and the meanings that were shared. For this we have the following question “How the woman body is discursivized in Maria Vai Com As Outras podcast?”. For that, we chose ten speeches of the three women of this podcast episode in which they spoke about their bodies in their jobs seeking to understand, discursively, how the woman body was made in different job areas, and either understand the way discourse utterances make truths for subjects. After these analysis, we can see that these utterances about the relationship between women jobs and their bodies are in some resistance movement against machists discourses that treat women like objects in some careers – they are made of the same language, in the same discourse -, what represents a will to break standards and paradigms in a scenario where feminist movement seeks to build some truths (others) to woman, her body and her operation in job market.

Keywords: Discourse Analysis; Body Worship; Job Market; Fake News; Woman; Podcast;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DISCURSO EM FOUCAULT	13
2.1 Poder E Resistência	15
2.2 A Relação Ser-Saber.....	16
2.3 Verdade(s) E Discurso.....	17
3. PODCAST: MÍDIA EM ASCENSÃO.....	19
3.1 Transformação No Modo De Produção, Emissão E Recepção Do Podcast	19
3.2 A Proximidade Da Voz.....	22
3.3 Podcast Como Mídia Informativa E Jornalística	24
4 RELAÇÕES ENTRE MULHER E O MERCADO DE TRABALHO	27
4.1 Culto Ao Corpo.....	29
5 ENUNCIADOS SOBRE O CORPO DA MULHER NAS PROFISSÕES.....	33
5.1 O Corpo Não É Mais Seu, É Da Agência.....	37
5.2 Exposto Não É Disponível.....	40
5.3 Não Pode Ser Feliz Sem Ser Bonita	41
5.4 Cenário: Feminismo	44
6 BREVES CONSIDERAÇÕES	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO CAPÍTULO AS VEZES NÃO GOSTO DA MINHA CARA DO PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de auge da luta feminista, a mulher está cada vez mais tomando seu espaço nos meios sociais e políticos. Ainda que a desigualdade de gênero se faça presente em nossa sociedade, o caminho está sendo percorrido para que situações igualitárias e justas sejam alcançadas nos mais diversos cenários.

No mercado de trabalho no Brasil, não é diferente. O espaço ocupado pela mulher nunca foi de tanto destaque. Segundo a Organização Internacional do Trabalho - OIT (2018), elas estão mais presentes nas vagas de emprego, embora ainda abaixo dos homens. O dado é confirmado pelo Ministério do Trabalho no Brasil (2016), que aponta o crescimento da ocupação feminina em postos formais de trabalho de 40,8% em 2007 para 44% em 2016.

No entanto, mesmo com o crescimento da presença da mulher no mercado de trabalho, ainda há preconceitos antigos sobre esse gênero, bem sobre como determinadas características do seu corpo. É sobre esses preconceitos pontuais com o corpo feminino que se trata a análise desta pesquisa, entendendo como essas características afetam a vida da mulher em determinadas áreas de trabalho.

O podcast *Maria Vai com as Outras* fala sobre mulher e mercado de trabalho. Atualmente com três temporadas, aborda em cada uma delas diferentes questões sobre como a mulher está inserida no mercado de trabalho brasileiro. Em sua segunda temporada, o tema é corpo feminino, levantando a discussão de questões ligadas ao corpo e como isso afeta a vida profissional da mulher. Em tempos de auge da luta feminista, essa temática levanta importantes apontamentos sobre particularidades que muitas vezes passam imperceptíveis no dia a dia, mas que afetam as mulheres que vivem essa situação diária. Cabelo, peso, roupas e maternidade são alguns dos temas abordados pelo podcast, com relação ao corpo e sempre traçando um paralelo com o mercado de trabalho feminino. Considerando esse cenário, a questão norteadora desta pesquisa é “Como é construído o discurso sobre a mulher e seu corpo, inserido no mercado de trabalho, no podcast ‘Maria vai com as outras’, em sua segunda temporada?”.

A questão da proposta tem sua relevância primeiramente pela temática, mas também pela plataforma. A importância da temática se dá em seu contexto histórico-social, na medida em que o podcast pauta o corpo das mulheres inserido no mercado de trabalho. Isso, atualmente, relaciona-se completamente com a luta feminista e suas ações em prol da liberdade do corpo feminino e empoderamento de fazer/ se vestir/ agir como quiser, sem amarras sociais.

O tema merece ser investigado por motivos de ineditismo, considerando que esse podca'st é recente e que, portanto, foi motivo de poucas análises. Também, o recém avanço do podcast como mídia informativa e muito presente na rotina de consumo de informação de certos

nichos de público dá relevância à pesquisa na área da comunicação, considerando seus novos meios e mensagens. Com mais celulares conectados a redes de internet rápida, uma variedade de plataformas de streaming e uma programação mais diversa e qualificada, a ascensão do podcast está se tornando realidade.

Em 2019, a mídia podcast cresceu e se popularizou. Segundo dados da pesquisa Podcast Stats Soundbites (2019) da plataforma de conteúdo sonoro Spotify, o consumo de podcasts aumentou 250% de dezembro de 2017 para dezembro de 2018 e, desde o início de 2019, quase dobrou. De acordo com os dados da plataforma de streaming, o consumo de podcast na plataforma brasileira tem crescido em uma média de 21% mensalmente desde janeiro de 2018. Por isso, o Brasil é o segundo país que mais consome podcasts no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Considerando meu gosto por podcasts, sua crescente relevância como mídia informativa e de entretenimento, e minha afinidade pessoal com o método da Análise de Discurso francesa, decidi realizar a pesquisa em cima deste podcast da Revista Piauí. O podcast Maria Vai Com As Outras é pautado em cima da temática da mulher no mercado de trabalho e, em sua segunda temporada, busca entender como o corpo da mulher afeta e é inserido neste mercado. Assim, com minha pesquisa, procuro observar como essa relação é construída discursivamente no referido corpus.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como o corpo da mulher é discursivizado no podcast Maria Vai com as Outras, tendo como foco principal a relação do corpo com o mercado de trabalho. Para cumpri-lo, tivemos como objetivos específicos: levantar os pressupostos teóricos metodológicos da Análise do Discurso francesa (AD), em sua relação com os reflexos de Michel Foucault; definir como a AD permite a análise da materialidade sonora enquanto enunciado, na perspectiva foucaultiana; e observar quais as regularidades que o podcast coloca em discurso sobre o corpo da mulher, considerando as condições de produção desse discurso.

Ao escolher a Análise de Discurso francesa (AD) com recorrências às reflexões de Michel Foucault como metodologia de análise dessa pesquisa, faz-se necessário introduzir também os conceitos fundamentais que guiam essa análise: saber e poder. Não há poder sem que se tenha estabelecido um saber, como também, o saber constitui relações de poder. Assim, onde há saber, há poder. É importante acrescentar: onde há poder, há resistência. Se por um lado, novos saberes e novas tecnologias ampliam e aprofundam os poderes na sociedade disciplinar em que vivemos, por outro, sujeitos lutam contra as forças que tentam reduzi-los a objetos, contra toda heteronomia, contra as múltiplas formas de dominação.

Desta forma, após esta introdução em que se apresenta a temática, a justificativa da importância desta discussão, o objeto empírico e a abordagem teórico-metodológica a ser utilizada, o trabalho se estrutura nas seguintes seções: “Discurso e Construção de Sentidos em Foucault”; “Podcast: mídia em ascensão”; “Histórico: relações entre mulher e o mercado de trabalho”; “Análise: enunciados sobre o corpo nas profissões” e “Considerações Finais”.

Em primeiro lugar, abordamos as considerações teóricas-metodológicas acerca da Análise Foucaultiana do Discurso, explicando as dimensões de espaços de poder na sociedade, inclusive em profissões. Neste momento, são discutidos os conceitos de discurso, sentidos, e as relações entre saber/poder e sujeitos, a partir das reflexões de Michel Foucault. Não obstante, buscamos problematizar como as reflexões foucaultianas tomam a “verdade” como produto do discurso, da história.

No segundo capítulo, teorizamos a mídia e o objeto de análise, expondo como surge e se dá a mídia podcast nos dias atuais, bem como se realiza um breve resumo de como é construído o podcast Maria Vai com as Outras. Com isso, buscamos entender o formato de mídia podcast, como este é constituído e transmitido, para assim compreender as particularidades de produção e consumo desse tipo de conteúdo. Para que esta pesquisa seja completa, é fundamental a compreensão desse funcionamento, para podermos, ao fim, analisar como os conteúdos são, nesses modelos, expostos.

No terceiro capítulo, problematiza-se como o corpo da mulher é visto no mercado de trabalho, considerando o histórico de desigualdade de direitos trabalhistas entre os gêneros. Apesar de recentes avanços nesse cenário, ainda se faz necessária a discussão sobre questões vividas nesse meio. Nesse capítulo também abordamos a discussão quanto ao culto ao corpo muito valorizado pela sociedade brasileira, e como esse comportamento reflete em determinadas profissões com atividades femininas. Com isso, buscamos estabelecer a relação entre o corpo da mulher, como a sociedade o vê, e as questões percebidas em meio ao mercado de trabalho, parte essencial desta pesquisa.

Após trilhar este caminho de entendimento contextual e teórico, no capítulo posterior, empreende-se a análise propriamente dita do objeto, utilizando-se da teoria discutida no capítulo de AD. Nesse momento, são feitas as relações entre teoria e objeto, traçando e entendendo, realmente, como o corpo da mulher é discursivizado no podcast Maria Vai Com As Outras. Ao problematizar e questionar padrões e paradigmas sociais, almejamos responder à pergunta com as análises realizadas.

Por fim, nas considerações, buscamos refletir sobre o trajeto trilhado, levantando como a pesquisa desenvolvida não se fecha em si, permitindo novos olhares, estudos e reflexões sobre

o papel da mulher no mercado de trabalho e, especificamente, sobre como a relação corpo x mulher é discursivizada em diferentes lugares, espaços e instituições sociais.

2 DISCURSO EM FOUCAULT

Ao tomar o discurso como objeto de análise, abandona-se a análise de conteúdo para compreender como os enunciados são construídos e como eles funcionam na produção de sentidos. A Análise do Discurso francesa e seu objeto de estudo, o próprio discurso, consideram como preponderante o papel da história na produção e constituição dos discursos que circulam e, sempre, produzem sentidos e verdades para os sujeitos. Desta forma, segundo Foucault (1991), o discurso é exterior à língua e compreendido no social, então, a análise não se focaliza no indivíduo falante, mas no sujeito inserido numa conjuntura social, historicamente marcada. Para Foucault (1991) os elementos históricos são fundamentais para compreender a constituição da formação discursiva e dos discursos na sociedade contemporânea.

O conceito de discurso, compreendido como um conjunto de enunciados operam a partir de uma função enunciativa, é apresentado considerando a ideia de práticas discursivas (FERNANDES, 2008).

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real (FERNANDES, 2008, p. 12).

De acordo com Foucault (1986), discurso é justamente o conjunto de enunciados, sob uma dada formação discursiva, praticados ao longo do tempo. De acordo com o pensador, um enunciado pertence a uma formação discursiva assim como uma frase pertence a um texto (FOUCAULT, 1969). A formação discursiva é a regularidade existente na dispersão do conjunto de enunciados estudados. (FOUCAULT, 1989) Essa regularidade, por sua vez, é feita por regras. A análise do discurso foucaultiana trata o discurso sempre sob uma prática discursiva, em sua realidade, no fato dos enunciados ditos, não na possibilidade abstrata de um enunciado a se realizar.

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema e dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipo de de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos,

transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 1986, p. 43).

Na acepção tradicional, de acordo com Azevedo (2013), o discurso não é uma sequência de palavras, mas uma rede de enunciados ancorados numa mesma formação discursiva.

De acordo com Fernandes (2008), assim, analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de seu contexto social. É a análise da produção de sentido entre a língua, o sujeito e a história. Uma vez que o discurso é o efeito de sentido que ocorre entre interlocutores que se comunicam, ele se liga intimamente no interdiscurso. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução (FERNANDES, 2008). Por isso, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar que os sujeitos ocupam no discurso.

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, imanes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Desse modo, a Análise do Discurso se destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção.

Desse modo, a Análise do Discurso procura observar, descreve e interpretar os sentidos colocados em circulação pelo discurso tendo em vista suas condições de possibilidade e emergência frente à história. Segundo Foucault (1971), o discurso não é um tipo de ente metafísico, constituído a priori dos outros elementos da sociedade; um discurso não está sozinho na história, uma vez que é produto da e à história, seguindo e construindo relações já postas pelos saberes e pelos jogos de poder.

De acordo com Gregolin (1995), as estruturas narrativas se convertem em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação. Assim, analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. O jogo de saber/poder se materializa no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.

Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que o garantem “dizer alguma coisa” e se relacionar com outros objetos; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. (AZEVEDO, 2013, p. 6)

Segundo Fernandes (2008), uma vez que o enunciado implica uma posição-sujeito e que esta tem lugar fundamental na Análise de Discurso (AD), o aspecto indissociável entre metodologia e teoria se afirma. Na AD, há uma inter-relação constitutiva entre sujeito, discurso e objeto de análise. O discurso, assim, define o sujeito, moldando e posicionando quem ele é e o que ele é capaz de fazer.

Essa capacidade gera, juntamente à noção de discurso, a noção de poder. O discurso produz saberes, portanto regula por meio dos enunciados aquilo que é possível de ser falado e o que não é. Assim ele produz e reproduz saberes e exercícios de poder simultaneamente.

O discurso tem força criadora, produtiva, o discurso possibilita que as ideologias se materializem, torna-se perigoso na medida em que serve a interesses, consolida estratificações sociais, pode ser usado para marginalizar, discriminar. Discurso, nessa perspectiva significa poder. O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

O poder circula pela sociedade e, ao mesmo tempo hierarquizado, não é um fenômeno que vai de cima para baixo. Com isso, podemos reafirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e acompanhando as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana.

2.1 Poder E Resistência

Um dos grandes temas discutidos por Michel Foucault (1979) é o poder e como ele se estabelece na sociedade. De acordo com Foucault (1979), o poder está nas relações sociais, em todos os seus níveis e estruturas, e não necessariamente é coercitivo, imposto pela força. Foucault (1979) demonstra que as relações de poder ultrapassam o nível estatal e está presente por toda a sociedade, estando ‘dissolvida’ por todo o tecido social. Desse modo, o poder não se estabelece apenas numa relação de força, numa macroestrutura para a microestrutura, mas em micro relações que permeiam toda a sociedade. Trata-se de uma concepção do poder que pode se irradiar da periferia para o centro, de baixo para cima, que se exerce permanentemente, dando sustentação à autoridade.

Sendo assim, para Foucault (1979), o poder não está localizado ou centrado em uma instituição, e nem tampouco como algo que se transmite por meio de contratos jurídicos ou políticos. Enquanto na teoria política tradicional se atribui ao Estado o monopólio do poder, em

Foucault nota-se a existência de uma espécie de rede de microfísica do poder articulado ao Estado e que atravessa toda a estrutura social. Desta forma, para o autor, é importante ver como o poder se relacionam com a estrutura formal de poder: o Estado. Assim, o poder é uma prática social constituída historicamente e em constante transformação, não estando em uma instituição nem em ninguém, sendo ações sobre ações. Assim, o poder em Foucault (1979) é um conjunto de relações que produz assimetrias e age de forma permanente, irradiando-se de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade, sobretudo os “poderes” instituídos do Estado. Toda relação humana é, em certo grau, uma relação de poder.

Assim, segundo Foucault (1979, p. 183), é fundamental

não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

Assim, todo discurso, sendo uma forma de construir e legitimar verdades, está em estreita relação com saber e o poder. Segundo Foucault (1979), estas produções de verdade não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque estes tornam possíveis as produções de verdade, as induzem.

Para finalizar, é fundamental ressaltar que esse poder é multipolar e dinâmico. (FOUCAULT, 1979) Multipolar porque provém de todas as partes, e dinâmico porque seu posicionamento, influência e existência dependem da interação com outros discursos provindos de outros lugares.

2.2 A Relação Ser-Saber

Outro conceito muito utilizado e trabalhado por Foucault é o saber. Para Foucault, o conceito de saber é diferente do conceito de conhecimento. Enquanto o conhecimento corresponde à construção de um processo complexo de racionalização, de identificação e de classificação dos objetos, o saber designa o processo pelo qual o sujeito do conhecimento, em vez de ser fixo, sofre uma modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de

conhecer (MACHADO, 1972). Pode-se dizer que o conhecimento é mais denso e estagnado, enquanto o saber é sutil e em constante mudança. O saber se trata de um conjunto coordenado de enunciados e funções de enunciação que dizem o que pode e o que não pode ser dito e, portanto, está intimamente ligado ao conceito de poder.

O procedimento arqueológico proposto por Foucault caracteriza o domínio do “ser-saber”. Segundo Azevedo (2013), saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada, é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupam seus discursos. É também o campo dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. Sendo assim, o saber se define pelas possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.

Para Foucault (1989), saberes são possibilidades de conhecimento, instrumento de análise dos discursos. O filósofo toma saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o pensador o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade.

Os elementos do saber são a base a partir do qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias. formam o antecedente do que se revelará e funcionará como um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado [...] Um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (FOUCAULT, 1989, p. 219-220).

Assim, o que está em pauta na análise foucaultiana dos discursos é a articulação acerca do que se pode pensar, dizer, fazer em determinado momento histórico.

2.3 Verdade(s) e Discurso

A verdade existe? De acordo com Foucault (1996), há antes uma vontade de verdade, que indiferente ao fato realista, interpreta suas veracidades a partir de seus ângulos, e que é posta por suportes institucionais, “a verdade, portanto, é uma configuração histórica: Não há uma verdade, mas vontades de verdades que se transformam de acordo com as contingências históricas” (GREGOLIN, 2004, p. 98).

Para Foucault (1989, p.11), a verdade não existe sem que haja regulamentos e estratégias do poder por trás de seu arranjo: “(...) por ‘verdade’, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. Desta forma, o filósofo expõe que na história sempre existiram regimes desta verdade, que se transformam, se rearranjam, se reconfiguram; “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 1989, p. 11).

Portanto, a verdade é produzida graças a múltiplas coerções e produz efeitos regulamentados de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se valida uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1989, p. 10).

Então, para enunciar dentro do discurso verdadeiro não basta tão somente enunciar o que seria racional, lógico, dedutivo, é preciso sobretudo obedecer a uma polícia discursiva. Como exemplifica Foucault (1989), um enunciado só ganha o estatuto de verdadeiro em uma disciplina se preencher um todo complexo jogo de regras, definições e se ater a um plano determinado de objetos passíveis de serem conhecidos.

3. PODCAST: MÍDIA EM ASCENSÃO

Para entender e refletir sobre o objeto de análise desta pesquisa, antes é preciso compreender como se dá o fenômeno da mídia podcast. Para isso, neste capítulo, tratamos do surgimento do podcast como mídia, da sua relação com o rádio, bem como da sua ascensão como disseminador de informações.

Podcast, segundo Rezende (2007), é a mídia de formato sonoro que é distribuída por podcasting, uma forma de transmissão via internet de conteúdo digital que utiliza a tecnologia de Feed RSS¹. Nesse modelo, é possível baixar, sob demanda, várias formas de programas de áudio no formato de arquivos digitais que podem ser escutados a qualquer momento.

Esse modelo de mídia, conteúdo e modelo de distribuição permite que o arquivo fique disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, enquanto estiver hospedado na internet (ASSIS, 2010). O podcast também é caracterizado pela atemporalidade, sendo possível baixar e acessar os arquivos de qualquer tempo a qualquer momento, independentemente do seu tempo de produção e transmissão. Essa mídia também garante liberdade, deixando o usuário escolher onde, quando e quantas vezes vai acessar os programas baixados.

3.1 Transformação No Modo De Produção, Emissão E Recepção Do Podcast

O podcast se difere do rádio convencional (também chamado de hertziano) principalmente em sua etapa de transmissão e modo de recepção do conteúdo sonoro. Por ser transmitido por Feed RSS, o podcast precisa da internet para chegar ao ouvinte, mas não de concessão do governo, como o rádio tradicional, para ter espaço midiático (PRIMO, 2005). Por ter maior facilidade de acesso, é mais democrático em sua produção, exigindo apenas equipamentos básicos para se colocar um conteúdo no ar.

A distribuição de podcasts diferencia-se radicalmente da radiodifusão. No último processo a distribuição é feita tradicionalmente através de transmissores de ondas eletromagnéticas, que viajam através do éter, para serem captados e sintonizados através das antenas de receptores de rádio. Ou seja, a escuta se dá sincronicamente com a emissão do sinal. No podcasting essa sincronia é quebrada, pois o tempo de produção e publicação não coincide

¹ A sigla RSS é uma abreviação do termo Really Simple Syndication (distribuição muito simples). O papel dessa tecnologia é fornecer as atualizações de um site ou blog dentro de um “feed”/ linha do tempo semelhante aos utilizados nas redes sociais. Além de permitir que a audiência de um canal de notícias, por exemplo, seja informada sobre novas postagens, o Feed RSS também pode ser incorporado a outros websites ou pequenos plugins conhecidos como agregadores (PRIMO, 2005).

com o da escuta. Após gravar a versão final do programa em um arquivo de áudio, o podcaster o envia para um servidor. Essa desincronia entre produção, publicação e escuta [...] proporciona novas formas de interação (PRIMO, 2005, p. 5).

De acordo com Rezende (2007), com a maior facilidade de acesso e a democratização do meio, o podcast quebrou a lógica de broadcasting² da radiodifusão. A transmissão não é mais de um para muitos, e sim de muitos para muitos, seguindo o modelo streaming de transmissão, que consiste no envio ao vivo e em grande escala de informação multimídia por meio de pacotes sob demanda, utilizando a Internet.

Na lógica do streaming, o consumidor vai em busca do que quer consumir e não apenas recebe passivamente. Assis (2010) diferencia os dois modelos de distribuição entre pull e push:

A ampla difusão do broadcasting irradia os programas de rádio ou televisão para qualquer ouvinte que possua um aparelho receptor, em um sistema conhecido como push, do inglês para empurrar. Em outras palavras, nesse sistema a informação é empurrada para o ouvinte, que o recebe de forma passiva. Na internet, o usuário precisa ir até o arquivo e escolher baixar ou reproduzi-lo, em um sistema chamado de pull, do inglês puxar (ASSIS, 2010, p. 3-4).

Assis (2010) explica que podcasts são uma mistura dos modelos pull e push:

Isso faz com que exista o trabalho da pessoa de pegar a informação que deseja ouvir. Essa forma é bastante comum em streamings ou ainda em sites de download de mídia. Com os podcasts e a utilização de feeds, a mídia é baixada automaticamente para o computador ou aparelho do usuário pelo agregador, sem necessidade de pull direto ou push involuntário. É quase como se o usuário escolhesse receber automaticamente a mídia, em um misto de pull e push (ASSIS, 2010, p. 4).

Por ser uma mídia e um formato de fácil acesso, com uma organização de produção pouco exigente quanto a equipamentos, a produção se torna alcançável e possível para quem queira produzir seu próprio conteúdo. Ouvintes também podem produzir, uma vez que tenham os equipamentos necessários: microfone, computador e servidor de armazenamento, e claro, um podcaster, que é o apresentador do podcast. Atualmente, consegue-se alta qualidade sonora com tecnologias de baixo custo, como reflete Primo (2005, p. 10):

² Transmissão, sistema de disseminação de informação em larga escala para todos os receptores simultaneamente.

De fato, o podcasting vem contemplar essa expectativa no que toca à produção independente de conteúdo sonoro. Ainda que a tecnologia informática e o know-how necessários não estejam acessíveis a todo cidadão brasileiro, o custo é realmente muito inferior àquele necessário para montar uma emissora de rádio.

Essa democratização da produção do podcast faz com que seu conteúdo seja mais personalizado, sendo produzido para nichos específicos, de acordo com Rezende (2007). O produtor tem contato direto com o produto e com o público e, muitas vezes, o próprio produtor interage com seus ouvintes. Esse total acesso e controle do produto final faz com que o meio se torne mais pessoal, individualizado, o que fideliza quem consome.

Com o sistema de transmissão do podcast, o ouvinte passa a ter mais possibilidade de escolhas e ação sobre o conteúdo que consome, sendo menos passivo, como era com a radiodifusão, na qual não podia escolher o que recebia, nem quando. No podcast, o ouvinte tem escolha sobre sua recepção. Escolhe o que ouve, quando e onde. Pode até baixar conteúdos diversos, montando sua própria programação, podendo pausar, voltar para ouvir de novo, ou até ouvir o fim antes do começo, já que este já existe por inteiro e não é produzido na hora, como no ao vivo. Segundo Assis (2010), essa questão é a que difere podcast de rádio tradicional: o ouvinte tem controle sobre o que ouve, e não é mais refém da imposição da mídia tradicional.

Com a ascensão das plataformas digitais de áudios, podcast chegam ao ouvinte também pela distribuição via streaming de áudio. Com aplicativos especializados em distribuição de áudios e redes sociais baseadas nessa mídia, os podcasts ganharam visibilidade e, os ouvintes, acessibilidade à inúmeros podcasts em uma só plataforma. Spotify, Deezer e Apple Music são alguns exemplos dessas mídias sociais de conteúdo sonoro. Elas disponibilizam o conteúdo por meio de assinaturas com preços acessíveis e acesso ilimitado aos recursos da plataforma. Inquestionavelmente, essa facilidade de acesso contribuiu para o crescimento do formato podcast:

Atribui o fôlego renovado do podcasting ao crescimento da oferta de conteúdos de qualidade, ao avanço dos smartphones e do acesso à internet em banda larga e ao desenvolvimento de redes sociais de base sonora (KICHINHEVSKY, 2017, p. 11).

Portanto, o que caracteriza um podcast essencialmente é, de acordo com Rezende (2007), seu formato de conteúdo informal, modelo de produção personalizado e democrático, e não mais só seu modelo de distribuição e recepção do conteúdo, uma vez que isso está mudando de acordo com o que as plataformas digitais oferecem. Considerando isso, o podcast impulsionou uma nova lógica de consumo de conteúdos radiofônicos, que passam a ser compartilhados nas

redes sociais digitais (KICHINHEVSKY, 2017). A Enciclopédia Intercom de Comunicação define rádio já considerando seus novos meios de consumo:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010, p. 1010).

Atualmente, portanto, há uma visão menos restritiva quanto ao que seria considerado conteúdo radiofônico. Desta forma, as novas manifestações sonoras associadas à internet também são consideradas rádio, como podcasts e web rádios.

3.2 A Proximidade Da Voz

As mídias de formato sonoro, como rádio e podcast, por serem constituídas principalmente por voz, trazem sensação de proximidade ao ouvinte. Isso se dá devido à voz, que é capaz de estabelecer um elo de conhecimento e empatia com quem fala, como explica Silva (1999, p.92):

Essa empatia e proximidade, ainda que imaginária, são estabelecidas graças à linguagem de um veículo que, como desejo demonstrar, reelabora signos de uma oralidade cuja situação comunicativa dava-se pela palavra oral, pela proximidade de corpos e intermédio da voz performática.

Essa sensação de empatia e informalidade que a voz suscita também abriu caminho para que a mídia podcast crescesse e atingisse variados nichos de público muito rapidamente. Como citado anteriormente, o podcast, por ser um conteúdo consumido por demanda, tem públicos muito bem delimitados e definidos, o que aumenta a sensação de familiaridade e identificação com quem o produz, fidelizando o ouvinte.

Em relação à voz, percebe-se uma significativa diferença entre podcast e rádio. No rádio, como a transmissão é ao vivo e o conteúdo está sendo emitido ao mesmo tempo em que está sendo recebido, é a efemeridade que caracteriza esse texto falado, mesmo que este conteúdo já tenha sido gravado anteriormente. Como explica Primo (2005), muitos programas da rádio web já se encontram completos no servidor, mas eles só são transmitidos e escutados enquanto ocorre o streaming. O que foi emitido não volta mais, não poderá mais ser ouvido. Já no podcast, não existe a instantaneidade entre a produção e a recepção, pois estas acontecem em tempos

distintos (KICHINHEVSKY, 2017). Assim, o podcast, por ser um conteúdo gravado, pode ser reprisado, voltado, escutado novamente, editado:

Isso porque o podcasting não envolveria transmissão em tempo real, nem em fluxo contínuo, aproximando-se, portanto, da fonografia ou mesmo configurando um novo meio de comunicação, inserido numa lógica digital. (KICHINHEVSKY, 2017, p. 5)

Essa característica da efemeridade, por mais que as duas mídias sejam parecidas em formato, impacta no modo de produção do texto falado, e também na importância que se dá para o modo que o conteúdo é exposto e falado na mídia. As vozes chamam a atenção dos ouvintes, sinalizam as mudanças de assunto e a procedência das notícias, também informam sobre a identidade e o contexto daquele material sonoro.

Na rádio a voz é a matéria-prima por excelência dos seus profissionais e o veículo facilitador da identificação da estação de rádio sintonizada pelo ouvinte. Esta mesma identificação estabelece o processo comunicativo, sinaliza os diferentes momentos da programação, distingue claramente o que é humor, do que é informação, do que é entretenimento, demarca fronteiras que se desejam vincadas e que estabeleçam com os ouvintes uma sinalética, criando uma simbologia sonora (BESSA, 2004, p. 18).

A voz dá o tom à informação e produz sentidos de verdade sobre quem fala, o que se fala e a quem ouve. No podcast *Maria Vai com as Outras*, objeto de análise desta pesquisa, o assunto de discussão é o corpo feminino, e portanto as entrevistadas sempre descrevem seus corpos para que quem está ouvindo entenda de onde elas falam para poder relatar sobre determinadas experiências que envolvem, quase sempre, o formato de seu corpo em meio às suas profissões.

Este trabalho referido pelo podcast abre espaço à imaginação do ouvinte para a construção do corpo que este não vê, e na medida em que este espaço imaginário se abre, os limites do espaço são abolidos. Essa ação tem por função assegurar e manter o contato com o ouvinte, o fazendo imaginar o corpo de quem está ouvindo a voz.

Actualmente, a preocupação dos profissionais recai não só nas capacidades intrínsecas da voz, mas também no profissional como um todo, dando grande destaque às suas capacidades enquanto comunicador e se é o comunicador adequado para o produto que se pretende vender ou a imagem que se quer passar (BESSA, 2004, p. 15).

Desta forma, compreende-se que a voz também é constituinte do enunciado sonoro produzido. A voz passa sentimento e emoção e, portanto, por ser nesse caso um veículo

informativo, é preciso tomar cuidado com expressões indevidas de opinião no jornalismo. Como muito bem lembra McLuhan (1964), o meio é mensagem. Assim, a voz opera junto com os dizeres, constituindo-os. O modo como o locutor do rádio fala também produz sentidos junto ao próprio conteúdo oralizado.

Torna-se então indiscutível a importância da voz para o meio rádio; porém, mais que provar a importância da voz para o rádio, interessa perceber de que forma surge a linguagem radiofônica: não sendo uma linguagem escrita lida em voz alta, nem apenas uma conversa informal sem roteiro (BESSA, 2004). O jornalismo no rádio está nesse entremeio, assim como os podcasts com objetivos informativos.

3.3 Podcast Como Mídia Informativa E Jornalística

Com a ascensão do podcast como mídia e das redes sociais digitais de conteúdo sonoro, o jornalismo também começou a tomar seu espaço também nesse meio. Por mais que o jornalismo em formato sonoro seja tão antigo quanto o rádio, este teve de se reinventar para ser aceito no público do podcast, que está acostumado a consumir um conteúdo mais informal, em estilo de conversa.

O podcast, por ser uma mídia consumida sob demanda, oferece inúmeras possibilidades diferentes de conteúdo. Possibilita um formato de conteúdo em roda de conversa, de modo que os temas abordados podem ser variados, como humor, cultura, entretenimento, economia, política e, claro, notícias jornalísticas.

O jornalismo ganha com o formato podcast ao poder se dedicar a diferentes modelos de disseminação da informação: tanto as notícias rápidas e diárias quanto longos trabalhos de reportagem e apuração. A temporalidade de oferta pode variar de acordo com a finalidade e tipo de produção de tal conteúdo.

Com isso, tornaram-se muito mais amplas as opções para o ouvinte que busca informação sobre os fatos que se destacam no noticiário. A segmentação é a marca dos podcasts jornalísticos, uma vez que o ouvinte pode escolher qual tipo de informação vai “baixar” para o seu aparelho: política nacional, política internacional, macroeconomia, agronegócios, basquete, vôlei, futebol, cinema, teatro, música clássica, dança, violência urbana ou o que mais estiver ao alcance da imaginação dos responsáveis pela produção de conteúdo (VAISBIH, 2006, p. 9-10).

Ao contrário da rádio convencional, com a transmissão ao vivo, no momento em que os fatos acontecem, não é possível disseminar informação via podcast. Para acompanhar as últimas

notícias, o ouvinte ainda vai precisar de um rádio convencional ou ter condições financeiras para adquirir e manter aparelhos que disponibilizam a internet móvel.

Portanto, o podcast força uma renovação na linguagem radiofônica jornalística, uma vez que as informações mais recentes e importantes já foram vistas na própria internet, na televisão ou no rádio convencional. O podcast precisa ir além, precisa apresentar análises e comentários (VAISBIH, 2006, p. 11).

A tendência geral é de as pessoas procurarem cada vez mais na internet notícias em tempo real, quase sempre servidas em estado bruto. Mais tarde, poderão vê-las na televisão. Ou na mesma hora, caso as acessem via internet. Por que pagarão para ler nos jornais o que já escutaram na véspera no rádio, leram na internet ou viram na televisão? (NOBLAT, 2003).

Portanto, se não for analítico, o podcast jornalístico não tem motivo para existir. Já que não é ao vivo, a portabilidade é seu diferencial. Caso contrário, é melhor deixar a nova ferramenta apenas para o entretenimento. (VAISBIH, 2006).

Apesar de ser uma plataforma que permite que o conteúdo seja seriado, a lógica não linear de programação afeta como o conteúdo é produzido. Por não necessariamente ser consumido no momento em que é postado, o conteúdo do podcast acaba sendo menos factual, e mais informativo em profundidade.

Considerando isso, uma vertente do jornalismo em podcasts que tem feito sucesso é a da narração dos fatos e grandes apurações de casos, lembrando os tempos de radionovela, como explica Kischinhevsky (2017):

Em linhas gerais, investem na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional. Percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo (KICHINHEVSKY, 2017, p. 10).

O podcast, por ser uma mídia de ‘episódios’, em que os podcasters postam seu conteúdo rotineiramente nas plataformas, possibilita que seu conteúdo seja minimamente interligado com o que foi postado anteriormente. Por isso, o jornalismo nesse modelo de apuração profunda e em formato de histórias com continuidade chama a atenção do público acostumado com um jornalismo mais rápido, factual e superficial. No podcast, como o ouvinte pode escolher onde e quando vai ouvir o conteúdo, é possível que se tenha continuidade no que é falado, já que se

assume que o ouvinte tem a possibilidade de acompanhar toda a sequência. Considerando isso, não há jeito para que o jornalismo sob demanda seja factual. Não é ao vivo nem instantâneo, mas pode ser aprofundado e crítico.

Essa discussão se faz importante nesta pesquisa pela relação entre o formato do conteúdo do podcast - entrevistas - e o jornalismo, e seu modo de produção em suportes sonoros. O modo como a apresentadora do podcast Maria Vai com as Outras conduz a entrevista, a fazendo se tornar uma conversa informal, faz com que o material, mesmo informativo e interessante, se torne leve de ser ouvido.

4 RELAÇÕES ENTRE MULHER E O MERCADO DE TRABALHO

Para entender o sujeito principal desta pesquisa - a mulher -, e em que contexto histórico-social nosso objeto – o canal de podcast Maria Vai com as Outras - se dá e é produzido, este capítulo aborda a relação histórica da mulher com o mercado de trabalho. Não obstante, refletimos sobre como se estabelecem a relação entre o corpo da mulher e/com o trabalho. Com isso, abordamos a cultura do culto ao corpo, que gera uma idealização do corpo da mulher que, muitas vezes, atua como objeto de trabalho; e como essa cultura é diariamente construída pela mídia e pela publicidade voltada ao mercado da beleza.

Historicamente, a relação entre a mulher e o trabalho é conflituosa e de muita luta. De acordo com Rago (1985), no século passado, mulheres não trabalhavam ou, quando sim, apenas em cargos e posições de inferioridade e complementaridade ao trabalho do homem. Com o tempo, esse cenário mudou e se tornou um pouco mais igualitário, mas a desigualdade ainda existe. A inserção da mulher no mercado de trabalho produz um forte impacto nas relações sociais, pois implica uma mudança de paradigma familiar e cultural (PEREIRA; SANTOS; BORGES, 2005).

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize,. (RAGO, 1985, p. 5).

Essa mudança, apesar do aumento da participação da mulher nas atividades econômicas, não correspondeu a uma diminuição da discriminação e preconceito por quem já estava num mercado majoritariamente masculino. Num primeiro momento, se supôs que abririam oportunidades de mercado para mulheres, mas a educação profissional focava em prepará-la para a carreira doméstica. Todo o conhecimento adquirido se voltava para satisfazer o homem nos mais diversos cenários (RAGO, 1985).

Os estudos sobre o movimento feminista se fazem fundamentais nesta pesquisa, pois o objeto –nesta pesquisa analisado, ao tratar sobre corpo da mulher no mercado de trabalho está, indissociavelmente, focalizando na posição da mulher perante a sociedade. Segundo Santos (2011), o movimento feminista tem se manifestado, desde sempre, de forma fragmentada, ancorado a alguma outra causa que una as mulheres não apenas pela condição feminina, mas

por características que as façam únicas e conjuntas ao mesmo tempo. Pode-se dizer que o movimento feminista luta, essencialmente, pela igualdade social, política e econômica entre os sexos (SANTOS, 2011).

É nessa intersecção social-política-econômica e, principalmente, histórica que se insere a situação do corpo feminino perante o mercado de trabalho. Nesse contexto, a mulher foi ‘segunda’ no mercado de trabalho e, por isso, sofre até os dias atuais com alguns conservadorismos e represálias apenas por ocupar posições que antigamente eram exclusivas dos homens. É sobre dominação que Beauvoir (1970) reflete quando discute a relação entre o domínio dos homens e a liberdade feminina (a mulher como uma pessoa com autonomia e independente).

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretendesse torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São essas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade e sim em termos de liberdade (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

Deste modo, os objetivos do movimento feminista dizem respeito não apenas à igualdade social, econômica e política entre os sexos, mas também à igualdade de poder fazer uso da liberdade para escolher quem se quer ser, em que todas as possibilidades são permitidas em qualquer que seja o lugar e contexto social (BEAUVOIR, 1970).

Essa definição muito se relaciona com a imagem da mulher inserida no mercado de trabalho, que é o contexto principal desta pesquisa. Mesmo com muito avanço, a mulher ainda é cobrada de forma muito distinta da do homem em seu trabalho. A depender da área de atuação, é comum que mulheres estejam sujeitas a situações machistas e de maior pressão apenas por serem mulheres, cada uma com suas características físicas e comportamentais. São essas características, representadas e discursivizadas no podcast Maria Vai com as Outras, que são tema desta pesquisa.

O podcast analisado nesta monografia provoca e discute essas questões de como os diferentes corpos das mulheres são vistos e inserido no mercado de trabalho. A mulher, diferentemente do homem, frequentemente é julgada pelo seu corpo em meio ao mercado, ainda que a atividade a ser desempenhada guarde qualquer relação com prerrogativas do seu corpo; não raro, este é muito julgado e sofre preconceitos em muitas áreas.

Sobre essa pressão sofrida o tempo todo pela mulher em relação ao seu corpo em seus empregos, Schpun (1999, p. 89) explica que:

Inúmeros discursos insistem no interesse, para as mulheres, do trabalho da beleza. Eles salientam fundamentalmente o fato de que o prestígio social de uma mulher, seu poder de fazer-se ouvir, de ocupar um lugar junto dos homens, depende antes de mais nada de seu potencial de beleza, de sua aptidão para fazer-se bela.

Com isso, Schpun (1999) provoca uma reflexão sobre a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Atualmente, essa diferença de tratamento entre os gêneros tem melhorado quando comparado às épocas em que as mulheres começaram a tomar espaços antes masculinos; todavia, ainda há muito caminho para percorrer em direção à igualdade entre homens e mulheres em várias áreas de trabalho. Essa desigualdade é retratada em vários relatos de mulheres entrevistadas pelo podcast Maria Vai com as Outras.

Sobre essa exagerada valorização e idealização do corpo feminino, mesmo quando não está sendo utilizado como protagonista no trabalho, Kehl (2005) explica que a idealização de sucesso com estética corporal acontece porque, hoje em dia, o corpo costuma ser a primeira condição de felicidade do ser humano, já que a imagem que o indivíduo apresenta à sociedade vai determinar a felicidade não por despertar o desejo de alguém, mas por conseguir construir autoestima e amor-próprio.

Como reflete Foucault (1987), em qualquer sociedade, o corpo está circunscrito à exercícios de poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. As disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação. Como aponta o filósofo, não se trata de cuidar do corpo em massa, mas de exercer sobre ele uma coerção sem folga. Assim, entre outros poderes que aí incidem, podemos atribuir essa pressão ao corpo da mulher ao exagerado culto ao corpo em que vive nossa sociedade.

4.1 Culto Ao Corpo

O culto ao corpo, fortemente presente nos tempos atuais, encontra-se centrado na busca por uma silhueta perfeita. A busca por formas canônicas pode ter causas como fatores

individuais, familiares e culturais, além de explicações históricas. Como explica Castro (2004), o corpo é um locus comunicacional e os cuidados a ele dispendidos, como propiciadores de segurança e auto-estima aos indivíduos, garantem o sentimento de pertença a um grupo. Portanto, corpo é uma definição de identidade no mundo contemporâneo.

Na sociedade contemporânea, o corpo tem representado cada vez mais diferentes simbologias e tem ocupado muitos espaços de significação que antes não eram alcançados por ele. Ao longo dos anos, a sociedade vem mudando o modo como pensa sobre o corpo e, conseqüentemente, a forma como se relaciona com ele (DANTAS, 2011, p. 1). Assim, podemos dizer que o corpo e a forma como o vemos é pautado num contexto histórico-social.

Neste contexto onde o corpo se torna polo de preocupação e investimento nos parece que a questão do culto ao corpo se mostra como um tema fundamental de discussão para o campo da Psicologia. A relação com nosso corpo parece estar sendo radicalmente modificada pelo fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, criando certa exaltação e supervalorização do corpo (DANTAS, 2011, p. 3).

A constante busca por um corpo canônico e idealizado é comum e atinge quase todas as pessoas na contemporaneidade. Os corpos ideais mostrados na mídia publicitária fazem o indivíduo repensar sua aparência, interpelando-o a buscar por aquele corpo construído e padronizado para se aceitar. A questão é que essa busca nunca acaba, já que a idealização de beleza sofre constantes mudanças, e assim as pessoas nunca estão satisfeitas com o que olham no espelho.

Nesse cenário, sabe-se que o corpo da mulher sofre muito mais pressão para a perfeição do que o do homem. Inevitavelmente, essa pressão afeta relações sociais; não é diferente no mercado de trabalho, em que a aparência feminina é uma questão julgada como importante para a realização de muitas atividades.

Nos dias atuais, além desses controles sociais exercidos pelas instituições, a mídia e o mercado são responsáveis por criar uma nova forma de controle, o das formas físicas dos corpos. Propagado pelos meios de comunicação e pela indústria cultural como um estilo de vida saudável, os corpos magros e definidos têm sido responsáveis por ditar a maneira como as pessoas devem se vestir, se alimentar e até como elas são avaliadas e julgadas pelos outros:

A preocupação com o corpo esbelto, na contemporaneidade, pode ser compreendido como algo que diz respeito à condição do indivíduo na modernidade. (...) O indivíduo, nas sociedades pós-tradicionais - marcadas pela pluralidade de escolhas e multiplicidades de ambientes de ação - toma

para si a responsabilidade de desenhar seu próprio corpo, como forma de definir sua identidade (CASTRO, 2004, p. 2-3).

Identidade essa formada e ditada pelos padrões de imagem colocados pela mídia, como abordados pelo podcast nessa pesquisa analisado. A indústria da beleza monta, há tempos, seu estereótipo com base em modelos e padrões inalcançáveis por pessoas comuns, mas que tentam incessantemente conquistar um corpo idealizado:

A mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana... ditando e incorporando tendências. A segunda, por garantir a materialidade da tendência de comportamento que - como todo traço comportamental e/ou simbólico no mundo contemporâneo - só poderá existir se contar com um universo de objetos e produtos consumíveis, não podendo ser compreendido desvinculado do mercado de consumo. (CASTRO, 2004, p. 7)

O mercado de consumo da beleza é sustentado pela publicidade e mídia que idealizam corpos que as mulheres buscam alcançar com esses produtos. Conforme aponta Mike Featherstone (1999), para os meios de comunicação de massa, a mensagem do culto ao corpo e da beleza passa a ser algo que produz lucro; por isso, o assunto é propagado exaustivamente.

Apesar dessa imposição econômica e mercadológica de manter a indústria da beleza como ela é, esse consumo tem mudado nos últimos tempos, acompanhando a mudança do modo de pensar das mulheres sobre esses padrões impostos aos corpos delas. Com o crescimento do movimento feminista e seu discurso de liberdade, as mulheres estão se sentindo, cada vez mais, livres e possibilitadas de serem o que elas quiserem, terem o corpo que quiserem e se vestirem como querem (SANTOS, 2011).

Esse exercício de liberdade é anunciado pelo descontentamento com a realidade, caracterizando um movimento de resistência à paradigmas sociais e ao poder dominante. Podemos dizer que assim é feita a história de um sujeito e de um povo, numa constante relação entre poder e resistência. Como infere Foucault (1988), “[...] que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 104-105).

Como podemos observar no podcast nesta pesquisa analisado, as mulheres estão, de forma exponencial, discutindo e resistindo sobre suas posições e ocupações no mercado de trabalho e como essas se relacionam, ou não, com seu estilo de roupa ou formato de corpo. A tendência, se seguir os rumos e discursos da luta feminista de liberdade, é que as mulheres sejam cada dia

mais livres e desprendidas de julgamentos aos seus corpos e estilos, em qualquer ambiente social.

5 ENUNCIADOS SOBRE O CORPO DA MULHER NAS PROFISSÕES

Antes de refletir sobre como os discursos do podcast Maria Vai com as Outras tomam o corpo da mulher inserido no mercado de trabalho como objeto, é necessário entender quem é a apresentadora que realiza as entrevistas e conversas que compõem o podcast analisado. Branca Vianna, interlocutora do podcast Maria Vai com as Outras, é linguista, intérprete e professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Fazendo papel de jornalista, Branca entrevista muitas mulheres no referido podcast, sendo sua primeira experiência como entrevistadora (HACK, 2018).

Estar em posição de mulher feminista afeta o modo como Branca produz e conduz as entrevistas do Maria Vai com as Outras. É possível, nas conversas analisadas, perceber uma empatia e curiosidade, além de identificação, vindas da entrevistadora. A curiosidade de sempre olhar e entender o ponto de vista da entrevistada permite ao podcast fluir como uma conversa natural, o que faz com que as entrevistadas falem e relatem sem amarras sobre o que sentem e como se comportam em tais situações.

Para operacionalizar o corpus, sendo esse movimento em si já um primeiro gesto de análise do próprio pesquisador, definimos por trabalhar com recortes: são recortadas dez falas e citações das entrevistadas do capítulo “Às vezes não gosto da minha cara”, da segunda temporada do podcast Maria Vai com as Outras. As citações escolhidas para análise foram selecionadas a partir de a) critérios de inclusão: todas as que falavam explicitamente de corpo e beleza; b) e de exclusão: apenas as que faziam relação do corpo com os trabalhos dos sujeitos e relatavam como o corpo está inserido no mercado de trabalho daquelas determinadas áreas.

Como o tema do podcast analisado é a relação do corpo da mulher com o mercado de trabalho, o critério de exclusão só se fez necessário em alguns casos específicos, nos quais as entrevistadas comentavam sobre seus corpos de um modo mais geral e não de forma contextualizada. Ainda assim, esses relatos, mesmo que gerais e genéricos, foram favoráveis para a pesquisa no sentido de reforçar a contextualização do corpo da mulher como objeto de julgamento social, mesmo fora de ambientes e momentos de trabalho.

Para escolher qual episódio da segunda temporada do podcast Maria Vai com as Outras seria analisado nesta pesquisa, considerando principalmente o tempo disponível para realização da pesquisa na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), foi necessário escutar todos os oito episódios da temporada, que falavam cada um especificamente de um aspecto, parte ou característica do corpo feminino, para então poder selecionar a temática específica da análise: beleza e sentidos do corpo nas profissões. Para que a pesquisa pudesse ser sobre corpo e beleza em geral, e não

sobre uma parte específica do corpo da mulher, o episódio chamado “Às vezes não gosto da minha cara”, que entrevista mulheres sobre corpo, beleza e autoestima, foi selecionado para análise.

Depois de escolhido o episódio, foi necessário, além de ouvi-lo, transcrevê-lo na íntegra. Com o conteúdo sonoro escrito, foi possível operacionalizar mais facilmente os momentos do episódio em que as interlocutoras falam de corpo e beleza e, portanto, quais trechos deveriam ser analisados.

Considerando a época de produção da temporada analisada do podcast, anos 2018 e 2019, e em se tratando de um conteúdo com temática feminina e de empoderamento das mulheres, pode-se considerar que os discursos sobre a luta feminista constituem os enunciados produzidos no episódio de análise.

Partido da linha teórico-metodológica de AD de viés foucaultiano, entende-se que todo discurso é fruto da historicidade em que se insere e que produz. Considerando isso, buscamos a regularidade de dada prática discursiva durante a análise empreendida. Interpreta-se desta maneira que os objetos de pesquisa analisados são enunciados que produzem um efeito de ‘verdade’ e que funcionam com uma dada regularidade. Uma regularidade discursiva observada no episódio analisado nesta pesquisa se trata de discursos que relatam o corpo como um ‘obstáculo’ ao trabalho perfeito. O corpo, no ambiente de trabalho, se torna um alvo de julgamentos inibidores para um desempenho livre da atividade, mesmo em profissões em que o corpo é instrumento fundamental para realizar tal trabalho.

O episódio “Às vezes não gosto da minha cara”, da segunda temporada do podcast Maria Vai com as Outras, entrevista três mulheres: uma modelo, que trabalha diretamente com seu corpo e aparência; uma ex-passista e estudante de medicina, que relata sobre sua relação com seu corpo nessas duas faces da sua vida; e uma tradutora, que não depende do formato do seu corpo para trabalhar, mas que desde a adolescência relata sofrer e ter problemas com sua aparência.

Considerando o enunciado em análise, o tomaremos como uma função enunciativa, que congrega um referencial, um campo associado, uma posição sujeito e uma materialidade. Desse modo, todo enunciado pressupõe outros com que ele se relaciona: tais enunciados não são aquilo que possibilita o contexto, é o espaço que ele ocupa que dá possibilidade para a existência do contexto. Desta forma, a existência do enunciado não depende de um sujeito que pode dizê-lo, mas sim da existência da posição determinada de sujeito que qualquer indivíduo poderá ocupar. Um enunciado, na prática discursiva, acaba atualizando outros enunciados, já que é

sempre ligado a eles. Ele nunca está neutro, mas sempre se relacionando com outros. Essa relação será considerada na análise aqui proposta.

Considerando isso, dez trechos do podcast, entre as três entrevistas, serão analisados. Nesses trechos escolhidos, as entrevistadas relacionam sua profissão com seu corpo, e expõem como isso é visto e julgado pela sociedade. Com isso, será possível perceber como o corpo da mulher no mercado de trabalho é discursivizado, de acordo com os relatos contidos nesse episódio, que é o objetivo final desta pesquisa.

O primeiro trecho analisado é uma fala de Branca Vianna (2019) que, ao introduzir a temática do episódio e o contexto das entrevistadas, diz

A gente tá falando aqui sobre como o corpo da mulher parece estar sempre aberto a comentário de qualquer um. A gente tá sempre ou gorda demais, ou magra demais, ou a gente se arruma demais, ou a gente se arruma de menos. E parece que é obrigatório pra toda mulher sempre estar fazendo o possível para alcançar um padrão ideal, mesmo que esse padrão ideal não seja ideal para ela. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Com isso, ela introduz, resume e se posiciona em relação à temática apresentada: como o corpo da mulher é visto no mercado de trabalho. Sua posição-sujeito, nesse caso como observadora das vivências das mulheres, é fundamentalmente crítica em relação à como a sociedade julga esse corpo. Branca ainda relata como as mulheres estão sempre buscando se encaixar em padrões sociais que, em suas próprias palavras, às vezes não são padrões ideais para elas.

É sobre essa imposição que vai tratar todo esse episódio analisado, como é perceptível nos trechos analisados em seguida. Os padrões sociais de beleza, corpo e comportamento em ambiente de trabalho não se encaixam em todas as pessoas, nem em todas as profissões. Apesar disso, existe um efeito de verdade que faz entender que para que alguém seja bem sucedido, é preciso estar dentro de determinadas regras e limites sociais.

Para Foucault (1989, p. 11), a verdade não existe sem que haja regulamentos e estratégias do poder, “por ‘verdade’, entende-se um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.”

Com isso, podemos dizer que assim é feita a história de um sujeito, numa constante relação entre verdade, poder e resistência. Como infere Foucault (1988), “[...] que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 104-105).

Portanto, para todo exercício de poder há movimento de resistência e atuação de forças contrárias. Os padrões sociais de beleza estão sendo cada vez mais contrariados e questionados, enfrentando a resistência que representa o movimento feminista com sua luta por liberdade e desobrigação de tais valores socialmente determinados e impostos.

Não obstante, o corpus denota dois movimentos preexistentes na conjuntura atual e que possibilitam a criação e determinação desses padrões sociais na esfera do trabalho, e como eles são atualmente enfrentados. De um lado, vemos uma construção de sentidos que busca influenciar e julgar determinadas profissões e profissionais pelos formatos de seus corpos. Assim se dá uma acusação preconceituosa e conservadora sobre sujeitos de determinadas profissões que devem seguir o que lhes é imposto pelo mercado há muito tempo, sem oportunidade de questionamentos. Por outro lado, vemos enunciados de mulheres buscando diariamente e cada vez mais quebrar com esses padrões e expectativas sociais, que se tornam pressões nas quais elas não querem ser inseridas.

Desta forma, percebemos que padrões conservadores ainda recaem sobre determinadas profissões que estão em processos de transformação e desconstrução do que antes era tido como ideal. Por exemplo, como relata Helena Witacker no podcast aqui analisado, quando ela fala sobre medidas numéricas esperadas e exigidas para corpos de modelos. Hoje em dia, vemos cada vez mais corpos de variados formatos sendo aceitos como modelos, mesmo que saibamos que ainda o caminho para percorrer até a igualdade seja longo. Resta refletirmos: como o corpo da mulher é discursivizado no podcast Maria Vai com as Outras, considerando que esse ideal de corpo perfeito para o trabalho perfeito esteja hoje em constante transformação?

Vemos um dado funcionamento discursivo que condiciona mulheres a determinadas condutas e padrões de corpo e comportamento, a depender da profissão em que fala. Para proceder esta análise, depois do corpus escolhido, separamos em duas categorias os recortes do corpus que possibilitaram a moldagem destas vontades de “verdades”. Em primeiro lugar, nos trechos escolhidos, analisamos quem é o sujeito discursivo que enuncia, de quais profissões elas falam e relatam vivências, e quais as relações de sentidos discriminatórios na profissão compartilhados por elas pelos enunciados. Depois, detemos as condições de possibilidade para a desconstrução desses padrões existentes em determinados contextos de trabalho.

Sendo assim, frente a essa necessidade de problematização quanto ao funcionamento do discurso sobre a mulher e seu corpo no ambiente de trabalho é que, nesta pesquisa, analisaremos os enunciados do podcast Maria Vai com as Outras em seu episódio “Às vezes não gosto da minha cara”, para observarmos e questionarmos como as mulheres e seus corpos são discursivizados nos enunciados e discursos expostos sobre o mercado de trabalho neste podcast.

5.1 O Corpo Não É Mais Seu, É Da Agência

Na primeira entrevista do episódio em análise do podcast *Maria Vai com as Outras*, a apresentadora Branca Vianna conversa com Helena Witacker, que é modelo fotográfica. Para recorte do corpus, analisaremos os comentários de Helena a respeito de sua profissão, e como essa está diretamente relacionada com seu corpo, muitas vezes visto de forma objetificada em sua ocupação.

Pelo funcionamento discursivo dos relatos de Helena, percebemos como o corpo da mulher, principalmente em profissões que dependem do formato físico do corpo para se efetuar e sustentar, é objetificado e moldado de acordo com as vontades e verdades de quem assegura esse tipo de emprego, como pode-se observar no excerto: “É horrível, porque eu me sinto objetificada como modelo. Você é um manequim humano.” No caso da profissão de modelo, o corpo da profissional se torna apenas a moldura e o suporte para mostrar o trabalho de outras pessoas: fotógrafos, estilistas, maquiadores. Por isso, Helena enuncia que nessa profissão se sente um manequim, e que portanto não tem controle sobre seu corpo:

Então, é um negócio tão difícil, você perde o controle do seu corpo, parece. Seu corpo não é mais seu, ele é da agência. Então, seu corpo tem que estar desse jeito, sua sobancelha você não pode mais mexer, tem que perguntar se você pode cortar o cabelo, tatuagem não pode fazer. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Ao dizer que o corpo da modelo é, na verdade, da agência, Helena enuncia sobre a experiência vivenciada por quem trabalha nesse meio: como seu corpo é seu produto e suporte de trabalho, ele acaba sendo objetificado, inevitavelmente, no sentido de contrato e ‘compra’ daquela aparência. Se ele foi contratado de um jeito para uma campanha, ele não pode mudar, pois aquele é o corpo, a aparência e a modelo escolhidos para tal trabalho fotográfico. Mudar a aparência, nesse caso, significa uma mudança no produto de trabalho do contratante.

Nesse enunciado, ainda podemos questionar: o sujeito pode vir a ter controle total sobre seu corpo e como se sente sobre ele? Há algum momento ou situação em que a indústria da beleza para totalmente de influenciar como alguém olha para seu corpo? Numa sociedade globalmente midiaticizada, e considerando a teoria de historicidade dos discursos, podemos circulação pela mídia.

Na perspectiva destes enunciados analisados, a entrevistada, em posição-sujeito de modelo ao relatar sobre as dificuldades e suas opiniões sobre sua profissão, fala em terceira pessoa para que seus exemplos fiquem mais próximos ao ouvinte. Nesse enunciado, ela não se coloca como única a sofrer tais situações, tentando, ao usar a terceira pessoa, incluir e aproximar

o ouvinte aos seus exemplos e relatos. Essa proximidade é possibilitada pelas mídias de formato sonoro, como rádio e podcast, por serem constituídas principalmente por voz. A voz, como dito no capítulo teórico sobre a mídia podcast, traz sensação de proximidade e empatia ao ouvinte.

Essa empatia e proximidade, ainda que imaginária, são estabelecidas graças à linguagem de um veículo que, como desejo demonstrar, reelabora signos de uma oralidade cuja situação comunicativa dava-se pela palavra oral, pela proximidade de corpos e intermédio da voz performática (Silva, 1999, p.92).

Continuando a falar sobre as exigências e determinações de ser modelo, Helena ressalta as implicações e efeitos que essa profissão tem nela, no modo como se vê e como se comporta, como no seguinte excerto:

[...] depois que eu me tornei modelo, eu comecei a ficar meio desestruturada, me olhar no espelho e me ver de uma outra forma. O que foi mais difícil pra mim depois que eu me tornei modelo, é que eu senti que eu deixei de ser mulher e eu passei a ser número, medida. Então, eu não tinha mais uma bunda, um quadril. Eu tinha 90 centímetros. Eu não tinha mais uma cintura que eu achava bonita, eu tinha 63 centímetros. E se 63 centímetros viram 65 centímetros, você não pode mais trabalhar. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Com esse enunciado, podemos perceber o quão controladora e exigente é a profissão de modelo, que é baseada na forma física e na aparência dos corpos das profissionais. Esses padrões numéricos e exatos com os quais lidam as modelos em seu emprego moldam, além de seus corpos, seus costumes, comportamentos e desejos para que tudo tenha como objetivo tais medidas e proporções corporais.

Ao dizer que deixou de se sentir mulher, Helena provoca um questionamento acerca dos discursos envolvidos na feminilidade social. Os discursos das agências de modelo transformam os corpos em medidas a fim de que? Certamente, porque deste modo, dentro destes padrões sociais e da profissão, o corpo das modelos está disciplinado, docilizado e disponível para ser produtivo para dados exercícios de poder que enunciam preconceito e diferenças no modo que olham para suas atividades do meio de trabalho. Desse modo, não há tempo ou espaço para maiores questionamentos do motivo pelo qual modelos são tratadas dessa forma na indústria.

Considerando os enunciados e discursos de Helena, é possível observar uma contradição entre o que a modelo diz lutar a favor - o feminismo, e consequentemente a liberdade de corpos - e o que ela realmente aplica e coloca em sua vida.

Porque, pra começo de conversa, é contraditório comigo mesma em alguns sentidos. Eu sou feminista; como feminista, eu sei a questão que algumas mulheres têm com corpo. E você modelo, é como se você tivesse que ser um modelo de corpo que as mulheres têm que olhar e imitar, entende? É isso é um padrão de beleza impossível, sabe? Nem as próprias modelos tem corpo de modelo. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Assim, Helena finaliza seus relatos sobre seu corpo em sua profissão relatando sobre dificuldades pessoais de estar em uma posição que confronta suas lutas internas como mulher.

A modelo segue demonstrando a contradição que vive entre lutar pela liberdade de corpos e estilos, e trabalhar num ambiente que exclui e não aceita a variedade de formas físicas e expressões de beleza. Apesar de enunciar sua repressão à idealização da estética ao dizer “nem as próprias modelo tem corpo de modelo”, e entender que seu corpo não deveria servir de modelo de aparência para ninguém, observa-se que seu incômodo não é suficiente para a fazer mudar de emprego. Helena continua exercendo a profissão de modelo, se encaixando em padrões impostos e seguindo regras mandatórias das agências. Portanto, questionamos: até que ponto essa militância de liberdade do corpo feminino é realmente luta e resistência? Pelo o que podemos considerar, não causa indignação o suficiente para que ela deixe de exercer tal profissão, apesar dos males que ela sabe que as agências e a indústria da beleza causam na sociedade.

Também, podemos problematizar acerca de como o funcionamento do discurso interpela o sujeito a ponto dele pensar ser impossível recusar a situação em que vive. Há algo nesse exercício do poder, que é desejoso, não imposto. A profissão de modelo traz status e prestígio social, por lidar com aparências e grandes marcas de vestimenta. Considerando isso, percebemos que para representar resistência, o sujeito não necessariamente precisaria desistir da posição em que está. A resistência exposta de uma posição-sujeito interior ao discurso em pauta, também representa luta e embate às relações de poder dominantes.

Além disso, ainda em sua fala sobre nem as próprias modelos terem tais corpos, Helena enuncia sobre as manipulações e edições fotográficas, muito comuns em profissões e trabalhos relacionados à beleza. É sabido que, nesse meio, enquadramentos, ângulos, e até edição das fotos são fundamentais para que essa indústria da beleza sustente seu discurso de corpos perfeitos.

Por isso, a resistência ao poder é tão importante: mostrar que a verdade imposta pelos discursos das agências não é realmente o discurso verdadeiro e transparente sobre a profissão de modelo e seus profissionais.

5.2 Exposto Não É Disponível

Na segunda entrevista do episódio “Às vezes não gosto da minha cara” da segunda temporada do podcast Maria Vai com as Outras, a apresentadora Branca Vianna conversa com Mirna Moreira, ex-passista da escola de samba carioca Salgueiro e atual estudante de medicina na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Na entrevista, Mirna fala pouco sobre a relação das suas ocupações com seu corpo, e mais sobre como conseguiu vincular as duas diferentes vidas, de estudante e passista, e porque desistiu da vida de carnaval para se dedicar à medicina.

Pelo funcionamento discursivo dos relatos de Mirna, percebemos como o corpo da mulher, em profissões nas quais a exposição corporal é uma premissa da atividade, é visto com olhares opressores machistas de inferioridade da mulher. Nas poucas vezes em que Mirna cita, na entrevista, a relação do seu corpo com a profissão de passista, o associa diretamente com o assédio que recebia devido à alta exposição e visibilidade a qual se submetia devido ao perfil da profissão de passista: “Já a relação de passista com assédio é uma coisa que infelizmente ainda é muito intrínseca, né? As pessoas veem o corpo da passista como exposto igual a disponível. Isso não é uma verdade.”

Em seu enunciado, Mirna considera como verdade e saber a relação entre a profissão de passista e o assédio recebido pelas dançarinas quando estão em seus trabalhos. O assédio ao corpo feminino, como um fato social consequente à sociedade machista em que vivemos, acontece em muitas áreas do mercado de trabalho brasileiro, mas, refletindo o comportamento social, acontece com maior frequência em profissões nas quais as mulheres exibem seus corpos. Assim, percebemos que o discurso coloca como evidente e imutável a relação entre assédio e o corpo exposto na profissão de passista, até mesmo para quem sofre as consequências desse assédio, não consegue se desvincular e questionar essa relação.

A situação enunciada que diz “exposto igual a disponível” é possibilitada por uma verdade também de uma sociedade machista que vê o corpo da mulher como objeto passível de ser ‘adquirido’, naturalizando a ideia do corpo exposto como disponível para ser assediado. Além disso, o culto ao corpo anteriormente nessa pesquisa apresentado também contribui para essa situação.

A cultura de culto ao corpo muito se relaciona com a profissão de passista e o contexto em que trabalha: o carnaval. No Brasil, essa festa tem relação com corpo e nudez, como é possível de observarmos anualmente em desfiles de escolas de samba. Considerando isso, o contexto de trabalho de uma passista é indissociável de seu corpo e da visibilidade deste.

Ainda assim, a visibilidade e exposição fazem parte da arte e cultura do carnaval, e não significam disponibilidade num sentido sensual e sexual. Como relata Mirna:

Então, de qualquer forma, precisava de uma maturidade da minha parte para lidar com aquilo, porque era o meu corpo que tava ali e eu precisava me entender como estar exposta e não disponível. Como estar ali celebrando meu corpo, celebrando minha arte e minha cultura, e não como corpo de prostituta que tivesse ali. Não era, e nada contra inclusive, é uma forma de trabalho, mas não era a minha forma naquele momento. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

No excerto, a entrevistada faz uma referência à prostituição como uma forma de trabalho que também depende do corpo para ser realizado. Em seu enunciado, expressa que muitas vezes se sentiu como prostituta, pois estava mostrando e expondo seu corpo para quem o olhasse e quisesse. Em seu discurso, Mirna objetifica e marginaliza o corpo de uma prostituta quando enuncia “(...) e não como corpo de prostituta que tivesse ali”, discursivizando o corpo de prostituta como objeto disponível, que também não tivesse possibilidade de escolha, que pudesse ser assediado.

Logo, ela própria se corrige ao complementar dizendo que não tem nada contra, e validando a prostituição como forma de trabalho, contradizendo com a frase dita anteriormente que objetifica o corpo da prostituta. As duas profissões utilizam corpos de maneiras diferentes em seus empregos, e no caso da passista, um corpo exposto não está necessariamente disponível sexualmente.

Aqui, vemos o discurso machista tão inserido e naturalizado na sociedade que nem a própria Mirna, ao defender seu corpo e enunciar uma fala contra o machismo, não percebe que está reproduzindo o discurso machista quando marginaliza a prostituição como modo de sustento de vida.

5.3 Não Pode Ser Feliz Sem Ser Bonita

Na terceira entrevista do episódio “Às vezes não gosto da minha cara” da segunda temporada do podcast Maria Vai com as Outras, Branca Vianna conversa com Camila

Fernandes, que é escritora, tradutora e revisora de texto. Na entrevista, Camila fala da relação que estabelece com seu corpo e sua aparência, e como isso afeta sua autoestima. Por se considerar feia e apartada dos padrões estabelecidos socialmente de beleza, ela afirma ter buscado estar sempre longe do centro das atenções de ambientes sociais, por ter receio de julgamentos à sua aparência.

Camila começa a entrevista ao podcast *Maria Vai com as Outras* enunciando que, apesar de sempre sentir que está ‘perdendo algo’ por não ser bonita, isso nunca passou de sensação.

A questão é que você não é feia, você é normal. Mas a questão é que a gente não quer ser normal, a gente quer ser excepcional. E eu acho que é libertador quando você se desobriga disso. Eu não tenho que ser excepcional, eu posso ter dois quilômetros de pálpebra, eu posso ter o canino torto. Na verdade, isso não afetou as principais experiências felizes da minha vida. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Nesse enunciado, podemos observar a desconstrução que, com o tempo, Camila viveu e percebeu que a obrigatoriedade de estar dentro dos padrões estabelecidos e moldados pela sociedade não existe. Como ela mesma diz, a liberdade quando percebe que não precisa seguir padrões é aliviante. Numa sociedade em que a indústria da beleza molda como uma mulher deve se parecer e se portar, é desafiador não se deixar afetar pelos padrões estabelecidos e ter maturidade para entender que a felicidade não está nas aparências, e sim nas vivências.

Para Foucault, não há liberdade literal em ato. Portanto, ao resistir a discursos machistas, Camila apenas está assimilando outros discursos, contraditórios ou não, mas também são desejantes.

Apesar disso, é possível perceber no enunciado de Camila que algumas de suas vivências parecem ter sido afetadas pelas aparências, como quando diz que ela sempre sentia que estava perdendo algo que a sociedade tinha a oferecer às outras mulheres por não ser bonita. Assim, podemos observar uma contradição entre seus dois enunciados. Primeiro, diz que é perceptível que a sociedade entrega algo “a mais” para mulheres bonitas, logo após, na mesma fala, diz que a falta de beleza não afetou as principais experiências felizes de sua vida.

Acerca disso, podemos questionar: há mulher feia? Concordamos: beleza é uma construção do próprio discurso. Assim, a ideia da normalização não existe. Existem discursos operacionalizados em certos padrões, mas a ideia de normalização faz referência a um poder e uma verdade dominante, mas que podem aceitar e oferecer resistências.

Além disso, Camila diz em sua entrevista que faria 38 anos em poucos dias, e como “envelhecer” a fez olhar com mais maturidade e compreensão para o conceito de beleza, que é sempre muito atrelado à juventude. “Você tem ideia da beleza dependente da juventude; e, por sua vez, o seu bem estar pessoal dependente dessa beleza. Você não pode ser bonita sem ser jovem e não pode ser feliz sem ser bonita. Foi muito difícil pra mim desinternalizar isso.”

Para a Análise de Discurso Foucaultiana, como já dito anteriormente, os discursos são produzidos por/em uma dada historicidade. Portanto, em sua fala sobre desinternalizar, Camila olha pra isso como se fosse um trabalho individual. Sua jornada para desinternalizar é social e histórica, trabalhando em quebrar paradigmas e padrões previamente estabelecidos e discursos já colocados, a partir de outros discursos que se opõem ao que ela busca combater.

Nessa enunciado, Camila também cita a felicidade muito relacionada com a beleza. Beleza, por trazer prestígio social, traz autoestima e portanto, bem estar. Apesar disso, questiona o que é ser mulher nos dias atuais.

Eu acho que a gente precisa amplificar muito essa questão do que é ser mulher. Sei lá, eu só sou mulher de saia? Quando eu estou de batom? Não, eu sou mulher o tempo todo, de cabeça rapada, de perna peluda, eu continuo sendo mulher. A gente não precisa ser uma coisa só. (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Ao dizer isso, Camila critica a feminilidade exigida de mulheres em meio à sociedade. Ela resgata enunciados que o discurso machista condena para se construir, e questiona o que é tomado como verdade. Mulher não é mulher apenas quando expõe feminilidade, pois não é isto que caracteriza o gênero. Ao questionar, Camila coloca em cheque tais enunciados próprios do discurso machista e paradigmas de feminilidade também padronizados por uma sociedade que espera que as mulheres sejam todas moldadas por estereótipo, como se tais comportamentos fossem naturais e intrínsecos à mulher, e não impostos socialmente por um discurso tomado como verdade.

Para finalizar essa análise, terminamos e a resumimos com uma fala da Camila sobre a desconstrução de padrões de beleza, estética e corpo por quais teve que passar.

Não só foi aos poucos, como é aos poucos. Eu não sei se essa desconstrução termina em algum momento. Você elegeu ou deixou que se elegesse dentro de você uma ideia de perfeição, e você tem que seguir ela porque você não pode ficar pra trás. Se você não exige isso das suas amigas, das outras mulheres, porque você vai exigir de você? Porque você vai ser tão chata, tão cruel com você mesma se você não é assim com as outras? (MARIA VAI COM AS OUTRAS, 2019)

Camila também chama a atenção para a rivalidade entre as mulheres no meio social e no trabalho. Essa rivalidade, até hoje em dia, impulsionada pelo machismo e a disseminação de ideais que colocam as mulheres como competidoras por um homem ou uma posição masculina, está nos meios do mercado de trabalho e prejudica as mulheres que não se apoiam por uma competição que verdadeiramente não leva a lugar algum.

5.4 Cenário: Feminismo

Neste momento, nos debruçamos em compreender um pouco mais a historicidade que possibilitou que estas vontades de verdades circundassem o espectro do ambiente de trabalho. É preciso refletir quais movimentos de poderes/saberes permitiram que os enunciados de desconstrução de padrões surgissem. A luta (e o discurso) feminista muito contribui, cada dia mais, para que esses cenários de desconstrução de padrões e manifestação do protagonismo das mulheres se aflore e cresça a cada momento.

Feminismo, podemos definir como o movimento social que têm mulheres como protagonistas e “cuja característica é definida pelas ideias de liberdade e igualdade e, consequentemente, pela crítica às formas hierarquizadas de relacionamento social” (BARSTED e ALVES, 1987, p. 206 apud COSTA e SARDENBERG, 1994, p. 82-83).

O crescente número de mulheres que se identificam com essa liberdade proposta e defendida pelos ideais feministas faz com que elas se fortaleçam e questionem padrões sociais já estabelecidos. Esse questionamento coloca em cheque alguns paradigmas sociais sobre o corpo da mulher em suas profissões.

As batalhas discursivas encontradas nas análises desses enunciados se dão devido às contradições encontradas entre os pensamentos e lutas nas quais as entrevistadas acreditam, e o que elas realmente colocam em prática na sua rotina de trabalho. O embate da contradição se dá exatamente entre a teoria de lutar por um mercado de trabalho igualitário e a prática de não sair da zona de conforto de um trabalho que precisa do corpo feminino circunscrito por dadas normas, regras para se efetivar.

Não obstante, observa-se como a resistência não ocorre de fora, mas no interior mesmo dos sistemas. Sempre estamos em relações de poder. A questão é como encontrar brechas, caminhas para ser diferente, para não ser subjetivado.

Não se busca, a partir dessa reflexão, fechar ou limitar as condições que possibilitaram esse enunciado, mas prover um gesto de análise que permita compreender melhor a

historicidade que produz os enunciados analisados, e a história que estes produzem. Embora o crescimento da luta e movimento feminista e a tentativa de quebra de padrões antigamente estabelecidos por sociedades machistas sejam situações da história recente, os discursos de busca por igualdade entre os gêneros no mercado de trabalho estão presentes na história do Brasil há alguns anos.

6 BREVES CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa acerca das construções de sentidos em discursos sobre o corpo da mulher no mercado de trabalho se fez importante ao repensar quais os papéis e estereótipos que envolvem “verdades” discursivas e em quais horizontes histórico-sociais se inserem. A fim de encontrar respostas para a questão norteadora “Como o corpo da mulher é discursivizado no podcast Maria Vai com as Outras?”, nos esbarramos em questionamentos sobre a construção de “verdades”, e como os sujeitos são elaborados discursivamente a partir de determinadas relações de saber e de poder.

A partir do corpus, observamos como o corpo da mulher nas profissões discutidas é construído discursivamente de diferentes modos, considerando que cada uma das entrevistadas vive diferentes profissões e, portanto, diferentes questões com seus corpos em seus empregos e rotinas de trabalho. Durante o percurso metodológico, constatou-se que a pesquisa tinha caráter qualitativo, exploratório, descritivo e documental.

Retornemos a Foucault - “O que ocorreu para que houvesse o enunciado?” (1995, p. 100) -, para analisarmos a discursivização do corpo da mulher no episódio “Às vezes não gosto da minha cara” do podcast Maria Vai com as Outras. Quais as condições de possibilidade para os enunciados analisados em relação ao corpo da mulher no mercado de trabalho? Eles quebram paradigmas ou apenas enunciam os mesmos pensamentos antigos de outras maneiras?

Em dados contextos e hierarquias, discursos de “verdades” buscam manter privilégios de determinados sujeitos no exercício do poder, discriminando outros tantos sujeitos e seus grupos. Historicamente, as mulheres são colocadas em posições trabalhistas inferiores aos homens, o que fez e ainda faz com que ainda se mantenha um padrão conservador de modelo de trabalho. Juntamente a isso, seus corpos são objetificados também em ambientes de trabalho, como parte integrante da sociedade em geral. O sexismo - a discriminação e o tratamento desigual que as mulheres recebem em comparação aos homens - ainda é recorrente no mercado de trabalho, principalmente em relação às expectativas e cobranças em atividades. Por isso, faz-se necessário reconsiderar esse tratamento ao gênero feminino, o porquê há discursos conservadores contra ele, e qual a conjuntura histórica que se aplica ao sexismo e também à reação atual das mulheres de tentarem desconstruir esses padrões anteriormente determinados.

Como historicamente a construção social brasileira se baseou em sistemas de hierarquias sociais e de gênero, entendemos conforme o viés foucaultiano de micropoderes, que o discurso e prática machistas e de diferença de gênero se revelam não apenas pelos sistemas sociais de diferenciação, mas nas relações rotineiras entre as pessoas. O discurso machista que objetiva e rotula o sujeito mulher existe na historicidade nacional, pois, como anteriormente assegurado,

a diferença e a exigência com que mulheres lidam em suas profissões estão institucionalizadas na sociedade que sempre foi acostumada a ter o homem como predominante no mercado de trabalho.

Por meio de saberes e poderes, os discursos têm assegurado as desigualdades de gênero ao privar durante décadas a mulher do acesso aos direitos de trabalho como sempre tiveram os homens. A diferença de gênero no Brasil é intrinsicamente ligado à naturalização de opressões exercidas pela sociedade, que inferiorizou e oprimiu o trabalho da mulher por muitos anos. Em algumas profissões, a mulher ainda sofre com opressões e represálias em meio a um mercado de trabalho ainda majoritariamente machista e formado por homens.

Por meio desta pesquisa, foi possível analisar alguns padrões e paradigmas sociais previamente estabelecidos envolvendo o modo como o corpo da mulher é visto em meio ao mercado de trabalho e como isso influencia e afeta determinadas profissões. Nesta pesquisa, também pudemos perceber como os discursos são colocados na sociedade de modo a provocar verdades, saberes e poderes. Com estas discussões, propomos aqui futuras reflexões aprofundadas sobre a relação entre o corpo feminino e o mercado de trabalho, ainda muito discutido no podcast Maria Vai Com As Outras em vários episódios, contendo os mais diversos pontos de vista, abordagens e focos.

Com a ascensão do movimento feminista e a crescente resistência das mulheres contra paradigmas sociais trabalhistas, a tendência é que, cada vez mais, a igualdade de gênero no ambiente de trabalho esteja próxima de acontecer. Assim, é importante que continuemos expondo e debatendo sobre assuntos que procuram questionar discursos já postos, para que então possamos entender o que devemos continuar considerando como verdades e saberes, e o que devemos repensar.

As construções de verdades sobre como o corpo da mulher é visto no mercado de trabalho se instauram em uma conjuntura social de conflitos, em que percebemos resistência sobre poderes já pré-estabelecidos socialmente. A quebra de padrões e paradigmas é crescente no cenário de ascensão da luta feminista, e portanto essa pesquisa se abre para muitas possibilidades de estudos e análises futuras sobre o mesmo tema, inclusive possivelmente até no mesmo objeto de análise – o podcast Maria Vai Com As Outras.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Pablo de. **Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul, p.1-10, set. 2010.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. 2013. 15 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BESSA, Mariana Forbes. **O aspecto vocal no rádio jornalismo**. 2004. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo: identidades e estilos de vida**. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida.. Coimbra: ., 2004. v. 1, p. 1 - 14.
- DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. 2011. 16 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Cap. 11.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: Reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio (verbete)**. In: MELO, José Marques de (org.). Enciclopédia Intercom de Comunicação – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, v. 1, pp. 1009-1010, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1971.
- FOUCAULT, Michel. **A Verdade e o Poder**. In: FOUCAULT, M. A Microfísica do Poder. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

HACK, Aline. **Entrevista: Branca Vianna**. Olhares Podcast, São Paulo, 14 dez 2018. Disponível em: <http://olharespodcast.com.br/entrevista-branca-vianna/>. Acesso em: 1 set 2019.

IBGE, 2018. **Estatísticas de Gênero**: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf

KEHL, Maria Rita. **Com que corpo eu vou?** IN: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita (orgs). 2005.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. Sbpjor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, p.1-15, nov. 2017.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MARIA VAI COM AS OUTRAS #4: **Às vezes não gosto da minha cara**. Entrevistadora e apresentadora: Branca Vianna. Entrevistada: Helena Witacker, Mirna Moreira e Camila Fernandes. Produtora Rastro, 11 mar. 2019. Podcast. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/maria-vai-com-as-outras/>. Acesso em 30 ago. 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding the Media**. The Extensions of Man, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1964.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2018. **Organização Internacional do Trabalho**. Disponível em: http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_619550?lang=es

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho**. 2005. 7 f. Monografia (Especialização) - Curso de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, 2005.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: A Utopia da Cidade Disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 58 p.

REZENDE, Djaine Damiat. **Podcast: Reinvenção da comunicação sonora**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Santos, p.1-12, set. 2007. São Paulo, 39: 13-21, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **As Mulheres Não São Homens**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011.

SCHPUN, M. R. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Ed. SENAC/Boitempo editorial, 1999.

SILVA, Julia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada**: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999. 92 p.

SMART SPEAKERS, 2019. **Podcast Stats Soundbites**. Disponível em: <https://powerpresspodcast.com/2019/03/15/podcast-stats-soundbites-smart-speakers/>

VAISBIH, R. dos. **Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcast**. Cenários da Comunicação, São Paulo, v. 5, p. 13-25, 2006. Videologias. 2ª. Edição. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO CAPÍTULO AS VEZES NÃO GOSTO DA MINHA CARA DO PODCAST MARIA VAI COM AS OUTRAS

Branca: Bem vindos ao Maria vai com as outras. Eu sou a branca Viana. Nessa temporada a nossa conversa sobre mulher e mercado de trabalho continua, mas o foco é o corpo. A gente tá falando aqui sobre como o corpo da mulher parece tá sempre aberto a comentário de qualquer um. A gente tá sempre ou gorda demais, ou magra demais, ou a gente se arruma demais, ou a gente se arruma de menos. E parece que é obrigatório pra toda mulher sempre tá fazendo o possível pra alcançar um padrão ideal, mesmo que esse padrão ideal não seja ideal pra ela.

No episódio de hoje, a gente vai falar sobre beleza. Pra falar sobre assunto a gente convidou duas mulheres que têm profissões diretamente ligadas à beleza delas, e uma terceira, que se considera feia, e vai contar pra gente que efeito isso teve na vida profissional e pessoal dela. Nossa primeira entrevistada é a modelo paulista Helena witacker.

Helena: São meninas que passam por situações muito extremas, as agências também iludem muito as meninas nesse sentido. Não, pq vc é linda, vc vai viajar, vc vai ser a próxima, você vai ganhar muito dinheiro. Elas vão com essa expectativa, e no fundo não é muito isso. Bonitas todas são, é meio como jogador de futebol, muitos tem esse sonho mas poucos conseguem chegar onde o Neymar chegou, onde a Gisele chegou.

Branca: A segunda entrevistada é a mirna Moreira, que é aluna de medicina na uerj é ex passista do Salgueiro, uma escola de samba tradicional do carnaval carioca.

Mirna: O hábito da faculdade é muito diurno e os hábitos do carnaval são muito noturnos. E acabou que o samba não tava sendo tão prazeroso quanto era antes. Desde pequenininha foi muito importante pra mim, enquanto menina negra, por causa das mulheres que eram muito bonitas no samba. Essa mulher é muito bonita e essa mulher parece comigo, então eu posso ser bonita também. Será que eu sou bonita?

Branca: E finalmente a gente conversou por telefone com a escritora e tradutora Camila Fernandes que mora em São Paulo.

Camila: Não é que eu sou feia, eu sou passavel, sou normal. Ninguém vai olhar pra mim é dizer meu deus como ela é horrível, mas você começa a perceber que parece que te falta algo que é entregue pela sociedade as mulheres consideradas mais bonitas. É isso não é justo. Você pensa se isso não é justo pq vc quer fazer parte disso, mas ao mesmo tempo vc fala eu sei que to perdendo alguma coisa.

Helena: Oi eu sou Helena witacker. Eu tenho 19 anos e eu trabalho como modelo. Não gosto de dizer que eu sou modelo pq não quero ser modelo de ninguém, mas to trabalhando atualmente como modelo.

Branca: Faz quanto tempo que vc trabalha como modelo?

Helena: Faz mais ou menos um ano. Eu comecei pq me descobriram na praia. A maioria das meninas é assim né, alguém acha. E eu tava saindo do colegial, não tinha muita certeza do que eu queria fazer na faculdade. Eu vi isso como uma oportunidade de viajar e ganhar um dinheirinho meu.

Branca: O ouvinte não tá te vendo, mas você é muito alta, morena, muito bonita. Acho que menina como você praticamente é obrigada a ser modelo ne, paga multa se não for.

Helena: É meio que isso né. Já tinham aparecido varias vezes outras oportunidades que eu meio que fui negando. E depois chegou uma hora que eu falei ok acho que vai ter que ser isso. É uma carreira tão difícil, uma profissão tão difícil que em alguns momentos eu falei que saco por que que eu tive que nascer nesse perfil.

Branca: Porque que é uma profissão difícil?

Helena: Porque, pra começo de conversa, é contraditório comigo mesma em alguns sentidos. Eu sou feminista, como feminista eu sei a questão que algumas mulheres têm com corpo. E você modelo, é como se você tivesse que ser um modelo de corpo que as mulheres têm que olhar e imitar, entende? É isso é um padrão de beleza impossível, sabe? Nem as próprias modelos tem corpo de modelo. E é difícil até pra mim, assim, eu sempre tive uma relação super boa com meu corpo e com alimentação. E depois que eu me tornei modelo eu comecei a ficar meio desestruturada, me olhar no espelho e me ver de uma outra forma. O que foi mais difícil pra mim depois que eu me tornei modelo é que eu senti que eu deixei de ser mulher e eu passei a ser número, medida. Então eu não tinha mais uma bunda, um quadril. Eu tinha 90cm. Eu não tinha mais uma cintura que eu achava bonita, eu tinha 63cm. E se 63cm vira 65cm, você não pode mais trabalhar.

Branca: E as pessoas te dizem isso? Te dizem, olha você tá com 65cm?

Helena: Sim, nas agências, eles te medem, colocam no seu composite. Você tem um composite que tem a sua foto e as duas medidas. É sua agência entrega isso pros clientes. Aí você chega no cliente você tem que estar com essas medidas que tão no seu composite.

Branca: E é verdade aquilo que dizem que as modelos não comem, que são anoréxicas?

Helena: Sim, muitas sim. Tem dois ramos de modelo. A moda fashion, os desfiles e tal. E o comercial, o comercial são as fotos, então é tudo menos desfile. E o comercial não exige uma magreza tão extrema, mas o mundo fashion exige. Então, eu sou modelo comercial, eu não

tenho as medidas de modelo fashion. É mesmo assim como modelo comercial você tem que ser super magra, então tem menina que faz dieta pra ter essas medidas, algumas usam drogas. Umas já tem a genética que podem comer três cheeseburger e vão continuar super magras. Não é meu caso, eu sou uma mulher normal, se eu como muito chocolate eu vou engordar, se eu não como vou emagrecer. Tem muitas meninas que inclusive desenvolvem distúrbios alimentares porque desde muito cedo viajam pra fora do país. Você fica muitas vezes em apartamento de modelo.

Branca: O que é um apartamento de modelo? Explica.

Helena: É um apartamento que a agência dá. Eu fiquei uma vez na Itália num apartamento assim. Dá entre aspas porque é descontado do seu salário, então é meio que um trabalho escravo. Você vai ganhando pra ir pagando suas dívidas. Você começa endividado e aí você vai trabalhando pra pagar suas dívidas. Então, você ganha seu cachê, a agência desconta o tanto da agência. Algumas agências é 20%, outras é 50%. E aí mais o tanto que você paga do apartamento de modelo, que o meu na Itália era 700 euros por mês, um apartamento horrível caindo aos pedaços, 14 modelos pra um banheiro.

Branca: Nossa senhora!

Helena: E ainda muitas não se alimentando bem. No meu apartamento em Milão, uma menina desmaiou na minha frente. Eu tava na cozinha fazendo café, eu virei pra trás ela tava caída no chão, eu não sei o que fazer. Super super magra, pálida, eu não sei o que aconteceu, se ela tava sem comer, se ela tava com pressão baixa, enfim. Eu tive que colocar ela na cama, chamar ajuda de outras meninas. Mas assim, são meninas que passam por situações muito extremas. É meio que nem jogador de futebol. Muitos têm esse sonho mas poucos conseguem chegar onde o Neymar chegou, onde a Gisele chegou. Muitas têm esse sonho porque as agências iludem muito as meninas nesse sentido. Sempre chegam pras meninas falando não porque você é linda, você vai ser a próxima, você vai viajar, você vai ganhar muito dinheiro. Elas vão com essa expectativa, e no fundo não é muito isso. Depende de muitas outras coisas, não só da sua beleza. Bonitas todas são, tem muita sorte também. Você obviamente tem que ser esperta. Eu olhava antes pras modelos como uma profissão fútil, basta ser bonita. Eu tinha esse julgamento super forte, e levei um tapa na cara depois que me tornei modelo.

Branca: Pra deixar de julgar as outras.

Helena: Eu passei a admirar as modelos, porque eu vejo quão forte você tem que ser e o quão difícil é essa profissão, então assim não basta mesmo você ser bonita. Eu tinha uma agência que queria que eu fosse pra Paris, só que pra ir pra Paris eu teria que perder músculo da minha perna, então, minha vida começou a girar entorno disso de perder músculo da perna. Então eu não podia malhar, porque eu ia ganhar músculo, mas se eu não malhava eu não podia comer

também. Então sabe é um negócio tão difícil, você perde o controle do seu corpo, assim, parece. Seu corpo não é mais seu, ele é da agência. Então, seu corpo tem que estar desse jeito, sua sobrancelha você não pode mais mexer, tem que perguntar se você vai cortar o cabelo, tatuagem não pode fazer. Já ouvi várias vezes que eu poderia ser modelo plus size, e eu...

Branca: Não... não

Helena: Vocês não estão me vendo, mas eu sou uma mulher magra

Branca: Não é possível, não é possível...

Helena: Só porque eu não sou anoréxica, sabe, então os agentes falam isso assim pra te puxar pra perder peso, aí você vai e corre atrás. E o pior de tudo nem é ser chamada de plus size, mas a forma pejorativa, né? Eles te chamam como se fosse ruim você ser modelo plus size, como se fosse menor do que ser modelo fashion.

Branca: É uma espécie de ameaça, né?

Helena: É, exato.

Branca: Olha lá, hein? Ta virando plus size.

Helena: Eu já ouvi isso de dois agentes e um eu falei nossa ok então vamo lá que eu quero ser plus size, eu fui super legal, acho que eu vou ser muito mais feliz.

Branca: Bora lá

Helena: Qual o problema de ser plus size, por favor. Mas eles falam como se fosse pejorativo né, porque também é um mundo que tem muita gordofobia nisso, porque o padrão de beleza é ser alta e magra.

Branca: Tem muito caso de assédio e de abuso sexual?

Helena: Tem. Nunca aconteceu comigo, mas existe. Existe também com meninos, homens modelos. Porque a maioria dos homens que trabalham no mundo da moda são homossexuais. Fotógrafos, maquiadores. Então existe muito assédio. Eu já ouvi mais caso de assédio com homem do que com mulher, por incrível que pareça. Eu ouço bastante disso de falar aí eu vou te dar esse tal trabalho se você transar comigo, e enfim. E agora tem um movimento de modelos que expõem fotógrafos que já assediaram e que fazem isso pras outras modelos ficarem atentas, então se elas forem fazer fotos com esses fotógrafos, elas saberem que existe um histórico ali. Mas muitas das vezes a gente não tem muita escolha assim, sabe?

Branca: Até que idade dá pra fazer isso? Quer dizer, deve ter umas que se começa com treze eu imagino que não resista até os dezoito, que a pessoa pira, né?

Helena: Acho que a Gisele começou por aí, com treze assim, então tem um pouco de tudo. Mas a carreira de modelo vai até uns 25, imagino.

Branca: É uma profissão que com 25 anos você tá velha né

Helena: Exato, aí depois pode virar modelo comercial e aí dependendo do cliente. Sei lá, uma marca de cosméticos que quer fazer foto com família, que tem uma mulher mais velha, enfim, tem tudo isso. A mais velha tem 26, 27... Você pretende fazer mais ou menos até isso? Guardar um dinheiro ou...

Helena: Não, acho que eu não consigo até 25 anos. É mesmo? Vai largar antes?

Helena: É difícil pra mim, porque eu já não tenho essa genética de mulher super magra. Eu sou super magra mas eu tenho um corpo. Eu sou musculosa, então eu sempre tenho que tá prestando atenção na minha alimentação. E eu já presto atenção, porque eu gosto sempre de ser saudável, mas eu tenho que prestar atenção se eu tenho que ser saudável pra emagrecer. Isso é uma coisa que eu sei que não faz bem pra mim, eu já entendi que não faz bem pra mim. No segundo lugar, eu acho difícil ideologicamente para mim, porque eu sei que muitas mulheres devem olhar pra mim, chegar no meu instagram por exemplo, e ver todas as minhas fotos de trabalho, que são todas photoshopadas e eu tô perfeita porque não tem nada na pele, porque eu tô cheia de maquiagem e tudo mais, e elas olham e falam nossa que mulher perfeita, que saco que eu não sou assim. Assim como eu faço com outras mulheres que eu vejo no instagram, e nenhuma dessas mulheres é perfeita, nenhuma dessas mulheres é aquilo. E aí eu fico triste de estar sendo modelo pra isso. Eu queria também que as mulheres olhassem pra mim e me vissem como uma mulher normal, que nem elas, sabe? E não como um modelo de perfeição que elas querem chegar e nunca vão conseguir chegar porque não existe. Porque nem eu vou chegar nesse lugar de perfeição. É um lugar que não existe, modelo não existe. É um padrão de beleza que não existe.

Branca: Que só na foto.

Helena: Que só na foto. É horrível porque assim, eu me sinto objetificada como modelo, porque enfim, você é um manequim humano. Então as vezes você chega no trabalho e tem que fazer 30 provas de roupas, 30 looks diferentes, às vezes até mais. E-commerce assim, que é essas fotos rapidinhas pra internet, são 100, 200 looks no mesmo dia, que você tira.

Branca: Nossa.

Helena: E aí alguns deles não entram, não caem bem. E aí a sensação que você tá errada, você tá com o corpo errado. Não é aquela roupa que tá errada porque não tá cabendo no seu corpo. Eu saio culpada, tipo nossa a roupa não ficou legal em mim, eu tô com o corpo errado, que merda. Então é tipo você tem que estar com o corpo perfeito pra aquelas roupas, entende? Não é um corpo perfeito pra você. Depois que eu me tornei modelo eu fiquei com uma imagem um

pouco distorcida de mim mesma. É tanta coisa que você ouve dos agentes, ou quando a roupa não serve em você, você que ta mal. Quando você não é aceita num trabalho, você que ta feia. Eu comecei a me sentir menos bonita do que antes. Eu me senti menos segura de mim mesma. Então agora eu tento cuidar de mim pra eu poder voltar a me sentir bonita como mulher, e nao como modelo.

Branca: E o e-commerce deve ser um mercado importante, né?

Helena: É, eu fazia muito e-commerce, na Alemãda tem muito e-commerce, era o que eu mais fazia. Mas é muito difícil, nossa senhira, você fica o dia inteiro trabalhando, o dia inteiro tirando foto, rápido, e ta todo mundo estressado porque os fotógrafos também tem que entregar as fotos pra um cara que vai fazer photoshop. É meio robzinho fazer e-commerce, você não pode ficar posando, porque, é gostoso também né isso, de você ir posar e ficar...

Branca: É? Como é que é?

Helena: Eu gosto bastante. Gosto quando você tem liberdade de escolher seus movimentos porque eu tenho uma relação boa com meu corpo, eu gosto de movimentar meu corpo, gosto de dançar, gosto de fazer esportes no geral. Gosto de dar liberdade pro meu corpo e ir fazendo o que eu acho que vai ficar bonito naquela foto. É uma relação sua com o fotógrafo também, é super importante essa relação da modelo com o fotógrafo. Se não tem uma boa relação entre a modelo e o fotógrafo, se eles não tão se comunicando bem, não tem como a foto sair boa. Então o fotógrafo meio diz o que ele quer passar naquela foto, e você juntos vão chegando num lugar e aí sai uma foto bonita. Eu acho isso gostoso, então fui aprendendo a ser modelo, porque eu nunca fiz parte desse mundo. Tem meninas que já tinham esse sonho, que gostavam de revista de moda. Eu nunca fiz parte desse mundo, eu sempre estudei, depois fui chamada pra ser modelo, aí entrei na faculdade e fiquei fazendo junto com a faculdade, aí começaram a parecer as oportunidades de viagem. Então eu tranquei a faculdade porque eu quero viajar agora, e pretendo continuar viajando.

Branca: E você juntou dinheiro pra poder viajar?

Helena: Exato. To juntando a profissão com a viagem, porque é uma profissão que te permite viajar, então to juntando dinheiro pra depois ter uma liberdade maior ainda pra viajar.

Branca: Essa é a parte legal da profissão? Poder viajar?

Helena: Sim, com certeza.

Branca: Então você falou que tava na faculdade, quer dizer, você foi chamada e aí começou a trabalhar como modelo e aí ficou fazendo facul aí trancou. Seus pais o que acharam de você trancar?

Helena: Meus pais sempre me apoiaram nas minhas escolhas. Eu sempre fui boa de preparar discursos que convençam as pessoas do que eu to fazendo, não pra convencer, mas pra mostrar que faz sentido pra mim. Eu tenho um plano. E a faculdade não tava fazendo sentido pra mim, não porque eu não tava gostando. Eu tava fazendo até numa área que eu gosto de fazer, que é comunicação multimeios. Era meio de audiovisual. Eu gostaria até de trabalhar com audiovisual no futuro, documentário, etc. Mas naquele momento não tava fazendo sentido pra mim. Eu tinha acabado de sair do colegial, eu não tava feliz na faculdade, eu queria descobrir ainda muita coisa. E aí então apareceu essa oportunidade de ser modelo, e eu aprendi realmente muita coisa, não só viajando mas na profissão. Eu aprendi muita coisa, foi uma escola, está sendo uma escola. Aprender a trabalhar né, como modelo, que é uma coisa que eu não tinha a menor ideia de como fazia, não conhecia nenhuma marca, nada. Aprender a posar, aprender a fotografar. Eu acho que o que eu mais aprendi foi ser adulta, sabe? Eu fui me tornando adulta porque eu que tinha que cuidar de mim mesma. Então se eu tivesse continuado em São Paulo, indo pra faculdade, eu ia tá sob cuidados dos meus pais. Porque eu tenho que cuidar de mim, eu tenho que sacar o que roubada e o que não é, num outro país, falando outra língua, ir pros testes, conseguir pegar trabalho com segurança. Então é um aprendizado constante, um aprendizado de me conhecer assim também, eu vou me conhecendo constantemente, como mulher, como mulher adulta, como às vezes criança também. Tem lugares que eu ainda sou criança, lugares que eu já sou adulta.

Branca: Quanto tempo mais você vai ser modelo?

Helena: Eu pretendo até o fim desse ano continuar trabalhando na Europa. Acho que eu vou trabalhar um pouco menos agora porque eu to com umas medidas um pouco maiores do que eu costumava ter.

Branca: O mais difícil de acreditar....

Helena: É difícil, é difícil pra mim também. Isso me deixa quase um pouco feliz, assim, porque eu to mudando um pouco meu discurso, to mudando meu jeito de ver as coisas. Se o cliente não me aceitava porque eu tava acima nas medidas, eu ia tentar perder medida pra esse cliente, agora eu agradeço e vou pra próxima. Não vou mais mudar o meu corpo, entende? Por isso que eu digo que talvez eu trabalhe menos, porque eu ouço mais não porque eu não estou anoréxica. Então pretendo até o fim desse ano trabalhar pela Europa, que é onde eu quero ficar, onde eu to com mais contato e tudo mais. Depois eu quero viajar, eu to com plano de fazer viagem pelo mundo, que não tem nada a ver com ser modelo, mas eu talvez consiga juntar algumas coisas,

juntar algumas marcas que queiram me patrocinar ou tirar foto pra elas, postar instagram ou coisa do tipo.

Branca: Você ganha dinheiro com instagram?

Helena: Não, ainda não. Muitas meninas ganham, tem essa nova categoria que é de influencer, que aí não precisa ser modelo. Basta ter muitos seguidores, né, então, ganham patrocínios de marcas por que elas tem muitos seguidores. Ter mais seguidor facilita a vida, po que tem muitos clientes que te acham por instagram e tudo mais. Não é meu caso, eu na verdade nunca tive instagram, nunca liguei pro instagram, precisei fazer instagram depois que virei modelo, me pediram.

Branca: Pediram pra vc fazer?

Helena: Na verdade eu já tinha um que eu postava fotos artísticas que eu fazia, meus amigos e tal, e aí a acouter, a mulher que me achou, ela fez uma limpa comigo, disse, vamo olhar seu instagram e achar tudo que era política, tirou, tudo o que não era eu, tirou. Então agora é um instagram que tem mais foto minha, porque precisa. Então eu tenho poucos seguidores porque eu nunca liguei muito pra isso, também não ganho dinheiro com instagram.

Branca: Ta bom, obrigada Helena.

Helena: Obrigada vocês!

Branca: Vamos agora à nossa segunda entrevistada.

Mirna: Bem, meu nome é Mirna, eu tenho 24 anos, sou graduanda de Medicina, sou mulher, negra. Sempre me apresento dessa forma. Moradora de favela, no complexo do Lins.

Branca: Foi você que quis fazer medicina?

Mirna: Sempre quis. Tiveram alguns percalços na caminhada, principalmente no vestibular, mas a minha vontade sempre foi essa. Tentei por três anos vestibular, e do segundo pro terceiro ano eu achei que não fosse conseguir, achei que tivesse dando muitos gastos aos meus pais. Botei o meu pé no chão e falei cara eu acho que não posso mais, minha mãe falou não, você vai tentar mais um ano. Aí eu tentei esse ano, que foi o ano que eu passei.

Branca: Você tem médico na sua família?

Mirna: Não nenhum.

Branca: Seus pais são o que?

Mirna: Meu pai é bombeiro e minha mãe é ex-telefonista, agora ela tá desempregada.

Branca: Você foi passista, você é passista né?

Mirna: Eu fui. Sai no meu terceiro ano da faculdade, mas até o terceiro ano eu era passista. É uma profissão também né?

Branca: O seu trabalho era ser passista e ser estudante de medicina.

Mirna: Era.

Branca: E não é todo mundo que sabe ser passista é uma profissão, então explica pra gente como funciona.

Mirna: Primeira vez que eu dando alguma entrevista alguém já chega com esse conceito pra mim. É muito difícil introduzir isso pras pessoas. Eu to aqui e sou profissional também, me trate como profissional, me dê condições de profissional, me pague como profissional.

Branca: Como é que a pessoa vira passista? Como é que você virou passista?

Mirna: Eu comecei como passista aos 4 anos de idade, eu era passista mirim. No Salgueiro a gente tem projeto de samba no pé, que é dado pelo coreógrafo Carlinhos. Foi brilhante enquanto eu estive lá, é uma convivência que é fora do comum porque a intensidade que as pessoas vivem aquilo ali é ótima, e eu amo samba, amo carnaval.

Branca: Mas uma menina assim bonita como você deve ser sempre convidada né pra tirar foto, pra ser passista..

Mirna: Já fui bastante convidada, mas hoje menos porque eu me exponho menos também. Porque pra quem é passista o tempo todo você tem que estar indo nos lugares, Você tem que estar presente, postando coisas. Hoje a internet é uma ferramenta de trabalho muito importante pra quem é passista. As meninas postam vídeo dando aula, postam foto, e aí isso é uma forma de visibilidade de chamar pra trabalho e tudo mais.

Branca: Imagino, tem que treinar pra caramba, ensaiar pra caramba porque é quase uma atleta né?

Mirna: Sim, é uma forma de fazer exercício muito mais prazerosa pra gente e cansativa também. Todo mundo acha que a gente só vive isso no carnaval, mas não, isso é 365 dias por ano. Tá acabando o desfile, tenho certeza que daqui no máximo um mês já to vivendo aquilo novamente. É um emprego, é uma coisa que a gente vive aquilo ali o dia inteiro.

Branca: O ano inteiro né? Quer dizer, você recebe um salário pra ser passista o ano inteiro.

Mirna: Não, a gente não recebe. A gente recebe por show. No ambiente do samba mesmo, a gente não recebe nada da escola, inclusive a gente só gasta.

Branca: Gasta com que? Roupas, maquiagem?

Mirna: A gente gasta com roupa, com tudo, tudo é nosso. Nosso biquini é nosso, nossa roupa é nossa, nossa maquiagem, nossa sandália, nossa mala, tudo nosso. Isso é um gasto bem alto. E assim, acaba que na escola de samba em si a gente muito mais gasta do que recebe.

Branca: E você conseguiu conciliar a sua profissão de passista com a escola de medicina até o terceiro ano?

Mirna: É, até o terceiro ano eu consegui. O hábito da faculdade é muito diurno, e consumia muito meu tempo até no fim de semana. E os hábitos do carnaval são muitos noturnos, e as vezes eu tinha que conciliar o fato de ir pro ensaio no sábado a noite e no domingo de manhã me manter acordada pra poder estudar. Porque era o único dia praticamente que eu tinha livre pra estudar o dia inteiro. Entao era bem cansativo, e acabou que o samba não tava sendo tao prazeroso quanto deveria ser, como era antes né. Acabava sendo uma obrigação, e o samba desde pequenininha pra mim foi uma forma de diversão, de interação, que era muito importante pra mim enquanto menina negra me achar muito bonita por causa das mulheres negras que eram muito bonitas no samba. E a gente ficava imaginando se essa mulher é bonita, essa mulher parece comigo, será que eu sou bonita também? Eu posso ser bonita.

Branca: E quando você entrou pra faculdade assim como mulher, negra, numa das melhores faculdades de medicina que tem, como foi pra você, como foi sua adaptação?

Mirna: A uerj é a faculdade que foi pioneira em cotas aqui no rio, e tem essa característica de ter uma galera mais suburbana. Por mais que tenham muitas pessoas da zona sul e pessoa ricas até, eu acho que lá as pessoas tem esse olhar. Até quem não ta acostumado, não ta inserido nisso, é meio forçado a se inserir no universo do outro, porque ta convivendo com aquela pessoa. Eu tive surpresas boas, principalmente em relação a alunos porque aquela galera ali a gente vai conviver na nossa turma por pelo menos 6 anos.

Branca: Você já faz plantão, né? Voce já acompanha os médicos em visitas. Voce sente diferença entre o tratamento que você recebe dos professores, dos pacientes, dos colegas?

Mirna: Em relação aos pacientes, a única coisa que eu vejo, mas por ser uma mulher negra, é que as vezes os pacientes que la no hospital por sua maioria são negros, porque são atendidos pelo sus, vem na gente, nos alunos negros, numa forma mais acolhedora de lidar e eu acho que a gente tem esse olhar também. Porque quando eu vejo uma senhora que ta internada há meses e ela ta mal humorada por ta tendo uma conversa com a gente, eu entendo que aquela moça poderia ser a minha avó.

Branca: E assédio, você já sofre assedio na faculdade, ou no hospital?

Mirna: Não, eu já tive relatos de outras mulheres que sofreram e são pavorosos. Eu rezo todo dia sinceramente pra não acontecer comigo porque não sei qual é minha reação, mas nunca aconteceu.

Branca: E quando você era passista?

Mirna: Já, a relação de passista com assedio é uma coisa que infelizmente ainda é muito intrínseca, né? As pessoas veem o corpo da passista como exposto, igual a disponível. Isso não é uma verdade. Mas como passista já recebi algumas propostas do meio de show, ou algumas

mãos na hora de tirar foto, que você tira a mão olhando pra cara da pessoa, e se você não tirar a mão daqui eu vou te dar um soco. É muito difícil porque tem muito isso da cultura de homem achar que pode fazer. Dentro do samba ainda tem algumas histórias assim ah mas aquela faz, porque você não faz?

Branca: Isso do público que tá assistindo?

Mirna: Sim, do público. Nunca dentro da escola de samba dos que eram como eu não, mas em shows assim isso já aconteceu já.

Branca: Você é passista desde os 4 anos, mas foi difícil pra você lidar com a adolescência, com a questão da beleza, da sexualização?

Mirna: Na verdade, acho que só cobrou de mim ter um amadurecimento mais rápido né talvez, porque eu comecei a fazer show como passista muito cedo. Com 16 anos eu já fazia show como passista, 15, talvez. E daí mesmo que você não tivesse totalmente disposta, não tivesse de biquini, de alguma forma você já era o centro da atenção naquele momento, você já estava sendo objetificada. Então de qualquer forma isso precisava de uma maturidade da minha parte pra lidar com aquilo né, porque era o meu corpo que tava ali e eu precisava me entender como estar exposta e não disponível. Como estar ali celebrando meu corpo, celebrando minha arte e minha cultura, e não como corpo de prostituta que tivesse ali. Não era, e nada contra inclusive, é uma forma de trabalho, mas não era a minha forma naquele momento. Então eu precisava me entender daquela forma pra tentar convencer as pessoas que tá me vendo que eu era aquilo ali e que a pessoa tinha que reconhecer meu limite, por isso que eu tive que amadurecer mais rápido.

Branca: E você teve mulheres mais velhas que te ajudam nisso? Porque fazer isso tudo com 16 anos não me parece fácil.

Mirna: Acho que mesmo não estando tão inserida no universo do samba, minha mãe foi muito importante pra isso, porque ela conversava muito comigo em relação a você tá indo, você tá participando, de olho em tudo, você tem que saber o que você tá fazendo, o que você quer, você tem que entender que você tá ali pra um fim, que a dança, mas nem sempre as pessoas vão te ver assim.

Branca: E episódio de racismo, na faculdade, no hospital, você já sofreu?

Mirna: Na faculdade já, eu tive um episódio bem ruim assim. No início, uma prova prática de anatomia, vieram me falar caraca você foi muito bem na prova, mas ninguém tinha me falado quanto eu tinha tirado. Ai só eu e mais uma menina tínhamos gabaritado a prova. E a partir disso aí as pessoas vieram falar comigo como se já me conhecessem há anos, caraca você escondeu o jogo, como assim, você foi muito bem. E eu assim gente? A gente percebeu que a

outra menina que tinha gabaritado, que era branca, ela veio falar comigo, percebi que você ficou chateada, percebi que ninguém veio falar comigo. Isso é uma imagem clara de racismo. Falei nossa obrigada que alguém percebeu que isso ta sendo bizarramente racista. Eu fiquei chateada, eu abri o verbo, nunca mais aconteceu isso porque eu expus isso de uma certa forma a ridicularizar as pessoas que tinham feito isso, acho que elas puseram a mao na consciência. Todo mundo sabia que eu era passista, acho que muitos já questionavam o que essa menina ta fazendo aqui, como ela passou pra ca. E eu percebi naquele momento como a faculdade não seria so flores. Eu estaria vivendo sim num ambiente que era majoritariamente branco, e eu eu poderia ate me sentir de certa forma a vontade, mas que em algum momento eu ia sentir que o racismo tava ali. Vai ver isso algumas vezes na sua vida, esteja preparada ou pra você reagir, que era a forma obvia, me conhecendo eu iria agir ou era..

Branca: Que era quando alguém fizer um comentário racista, você imediatamente dizer isso é um comentário racista.

Mirna: Isso, exato. Ta sendo racista, ta fazendo errado, e não ficar amuada né, não aceitar que as pessoas me digam que aquilo não é o meu lugar, aquele é meu lugar sim, eu vou estar ali.

Branca: Tem outros alunos negros, na medicina?

Mirna: Tem, a maior parte de mulheres, mulheres negras. Isso me deixa bem feliz.

Branca: Voce teve um episodio de racismo que você sofreu num concurso de beleza meio de brincadeira, entre os vários cursos, escolher quem são as meninas mais bonitas. Conta pra gente o que aconteceu nesse caso.

Mirna: Teve uma pagina de interação entre os cursos, exatamente isso, uerj da depressão, é uma coisa bem zoeirinha, e ai eles fizeram um concurso de beleza entre as musas dos cursos. E o concurso era pela internet, eu não me lembro quantas participantes eram, eu lembro que de negras eramos três, e em algum momento dessa brincadeira, alguém me avisou. Não sei se você já deu uma olhada na sua foto, mas ta rolando alguns comentários racistas, da uma olhada. Ai eu já fui suando frio, olhei pelo celular e realmente na minha foto e dessas outras meninas tinham vários comentários racistas bem pesados.

Branca: Você pode dizer pra o que era?

Mirna: Algumas coisas como ah você vota numa negra mas não da banana pra um macaco no zoológico, essa escrava, ela nem deveria ta vivendo em sociedade, até há pouco você não fazia parte da sociedade, algo assim, como hoje ta participando de um concurso de beleza? Na hora a gente entrou em contato uma com a outra, eu fui à delegacia dei parte disso. Eu não sou a Thais Araujo, nem Ludmilla então isso nunca deu em nada.

Branca: Quer dizer, esse tipo de denuncia só da em alguma coisa quando a pessoa é famosa?

Mirna: Sim, fui lá fui muito bem atendida e tudo mais, mas até hoje nada, tem muito tempo isso já, tem uns 3 anos. Isso foi bom pras pessoas perceberem também que o racismo existe, tá ali e tava dentro do ambiente acadêmico né, que diz que as pessoas acadêmicas são todas elevadas espiritualmente, não.

Branca: No primeiro episódio dessa segunda temporada do programa a gente falou sobre cabelo, e falou-se muito sobre relaxamento. Você usa seu cabelo natural, que ninguém tá vendo mas a gente vai postar pras pessoas verem. Você já viu comentário do tipo isso não é cabelo de médica ou simplesmente você não tem cara de médica?

Mirna: Acho que eu só ouvi uma vez na minha vida que eu tinha cara de médica, e eu tava com o cabelo preso nesse dia. Já ouvi várias vezes que ah mas é questão de higiene, como é que ela vai andar com esse cabelo? Ué, como você anda. Você vai entrar numa enfermaria e vai prender o cabelo como qualquer outra pessoa, você não vai usar um brinco grande, todas as medidas de higiene que todo mundo deveria ter. E se eu tô circulando pelo ambiente da faculdade eu não preciso estar com o cabelo preso.

Branca: Nem no hospital, né?

Mirna: Se eu for atender um paciente, ok, porque a gente pode escostar o cabelo em um lugar que esteja contaminado, mas não só o cabelo crespo. Só que nunca questionam isso pra uma menina que tem o cabelo lambido até a bunda, né. É sempre essa menina do cabelo que vai até os ombros, mas sempre julgar que o meu cabelo que leva algum microorganismo, alguma bactéria super-resistente.

Branca: No episódio sobre cabelo a gente entrevistou a poeta Stefani Borges e ela falou que a mulher negra ou é invisível ou é objetificada, não tem meio termo. Você sentiu pressão pra ser sensual na sua vida?

Mirna: Não, na verdade eu já fui posta num lugar de sensualidade muitas vezes, principalmente pela questão de ser passista. Aquela coisa de ter fetiche passista ou eu nunca me relacionei com uma mulher negra, você poderia ser a primeira, e acha que isso é alguma coisa muito boa de ser ouvida. Só foi muito bom pra eu cessar várias coisas, pra perceber rápido que eu tenho que sair de perto daquela situação onde eu tenho que agir de forma mais enérgica.

Branca: O que você quer fazer do seu futuro, que você tá quase virando médica, e depois? Onde você quer trabalhar, quer ficar no rio?

Mirna: Eu tenho vontade de continuar no rio, eu tenho muita vontade de morar perto de favelas, de fazer ou trabalho em centro comunitário, ou fazer atendimento popular, tenho vontade de trabalhar em hospital público, no SUS.

Branca: Muito obrigada Mirna! Agradeço de você ter vindo aqui

Mirna: Eu que agradeço

Branca: Fiquem agora com a terceira entrevista.

Camila: Meu nome é camila Fernandes, eu sou escritora, tradutora do inglês pro português, revisora de texto. Sou de são Paulo e vou fazer 38 anos depois de amanhã.

Branca: Parabens!

Camila: Obrigada

Branca: Então, todas essas profissões que você exerce, nenhuma delas exige contato com o cliente, com o publico. Voce como revisora, tradutora, escritora trabalha em casa, né?

Camila: No geral, no dia a dia sou eu e meu computador.

Branca: E mesmo no teu blog, onde você tem um conteúdo pessoal, você escreveu um texto chamado as vezes não gosto da minha cara e eu queria saber porque você resolveu escrever sobre sua aparência.

Camila: Eu vivo num mundo muito fechadinho, um mundo que eu posso controlar na medida do possível. Mas eu também saio na rua, eu fico muito nas redes sociais, quem trabalha em casa quase sempre procura companhia com muitas aspas, nas redes sociais. Entao assim, o que você faz de vez em quando, você publica suas fotos e mesmo que a gente não admita isso pra si de vez em quando, a gente espera aprovação, a gente as vezes ta usando aquela publicação como um pedido, gostem de mim só um pouquinho. É uma carência mal resolvida ou outras questões mal resolvidas da adolescência por exemplo. Eu falo que eu tive uma adolescência tardia. Eu não notei muito as diferenças entre mim e as outras mulheres enquanto eu crescia, eu não tava prestando atenção, não me interessava. Eu ficava fechada em casa desenhando, escrevendo, lendo, pra mim tava ótimo aquele universo. Eu fiquei senso freelancer por muitos anos, ai voltei a trabalhar fora. Ai me senti mais inserida na sociedade, e eu comecei a perceber coisas que as pessoas valorizavam no mundo e que dentro da minha casa não se valorizava, não se falava sobre isso, não importava sua aparência. Eu sou caçula de três irmãs, e eu não me lembro por exemplo de na infância, os adultos da família elogiaram a gente chamando de linda, chamando de princesa. Geralmente a gente era mais elogiada pelas coisas que a gente conseguia fazer, pelo o que a gente aprendia, nós desenhávamos, gostávamos de ler. Aparencia realmente não era importante.

Branca: Ai você foi descobrir que a aparência pro mundo era importante num trabalho que você tinha que sair de casa e ir pro emprego?

Camila: É, eu cheguei a trabalhar em escritórios, eu eu fui secretaria, fui recepcionista, fui assistente administrativa quando eu tinha entre 18 e 23 anos mais ou menos. E também achava

muito sofrido lidar com as pessoas no dia a dia. Mas aí eu larguei essa área e voltei a trabalhar com arte, e tinha um outro emprego fixo num escritório de desenho. Era um lugar bem legal e as pessoas eram bem descontraídas. Tinha gente de todo tipo e você podia ir trabalhar com a roupa, o visual que você quisesse. Só que nesse lugar eu tive acesso a coisas nas quais eu não tinha reparado. Eu tinha muitas colegas mulheres, muitas mulheres no meu convívio social também fora do trabalho que eram consideradas mulheres bonitas, e eu percebia também como isso parecia resultar num tipo de atenção a mais. *E aí você percebe, não é que eu sou feia, eu sou passável, eu sou normal. Ninguém vai olhar pra mim e dizer meu deus como ela é horrível. Mas você começa a perceber que te falta algo que é entregue pela sociedade às mulheres bonitas, ou consideradas mais bonitas. E isso não é justo. E aí você pensa, se isso não é justo, porque você quer fazer parte disso? Não faça parte disso. Superficialmente, a gente sabe disso.* Eu não quero fazer parte dessa maquina de valorizar só o que as pessoas são por fora. Mas ao mesmo tempo você fala eu sei que to perdendo alguma coisa.

Branca: Nesse texto que você escreveu, você fala das suas pálpebras, das suas olheiras, das suas sobancelhas. Você diz que a tua mãe às vezes diz que você parece o Dr. Spork se você tira muito a sua sobancelha, você diz que o teu sorriso é torto, você diz que os dentes são tortos, você diz que seu queixo é imenso que tua boca é pálida, quer dizer, uma lista muito impressionante de traços que você desgosta, né. Demonstra de certa forma que você pensou profundamente nesse assunto, você falou que na tua infância e na adolescência não era um assunto importante na sua casa nem na sua vida social. Quando foi que você começou a se achar feia?

Camila: Na adolescência eu não tinha vida social, então era fácil não me comparar muito com outras pessoas. Tinham todas as encanações que costumam existir nessa fase da vida mas tava sob controle eu acho, eu tinha outras preocupações. Mas aí eu cheguei na idade adulta e quando eu tava lá perto dos 30 anos que eu comecei a me redescobrir. Então assim, fui trabalhar fixa num lugar, fiz novas amigas, comecei a fazer aula de dança e comecei a observar mais o meu corpo, quer dizer, a ansiedade que eu tinha em relação à minha imagem, de repente explodiu. Eu não conseguia parar de pensar nesse assunto, não conseguia parar de me sentir mal a respeito disso. Por exemplo, maquiagem, às vezes a gente usa, às vezes a gente não usa. Mas nessa fase até por me comparar involuntariamente com mulheres que eu convivia, eu comecei a usar uma maquiagem todo dia. Ah tá bonitinha. E de repente o dia que eu fui pro trabalho sem saco pra fazer nada disso, as pessoas me perguntavam você tá bem? Você tá doente? Aí você tá tapada, porque tá com essa cara esquisita? Então quer dizer, eu corri pro banheiro me sentindo super vulnerável e enchi a cara de maquiagem. Aí você nossa você acha que isso é traumático? Você

não viveu a vida de uma mulher ainda. E não é que é traumático, é uma coisa muito simples, eu não vivi um decimo do que muitas mulheres passam por aí, vários perrengues. Mas são pequenas coisas constantes que nos fim das contas te extenuam, então pra mim o meu drama, se é que eu posso usar essa palavra, é assim, caramba eu estou ficando velha e eu ainda não fui bonita. Voce tem ideia da beleza dependente da juventude, e por sua vez o seu bem estar pessoal dependente dessa beleza, quer dizer, você não pode ser bonita sem ser jovem e não pode ser feliz sem ser bonita. Foi muito difícil pra mim desinternalizar isso.

Branca: É como se você tivesse perdido o trem né? Perdeu o trem da beleza porque você ta com 37 e já passou e não tem mais nada que você possa fazer e tem que viver com essa dor.

Camila: É, eu perdi o trem. Não adianta eu colocar todas as minhas fotos no photoshop e ficar linda la porque eu sei quem eu sou. E ai a questão é ah você não feia, você é normal. Mas a questão é que a gente não quer ser normal, a gente quer ser excepcional. E eu acho que é libertador quando você se desobriga disso. Voce fala não eu não tenho que ser excepcional, eu posso ter dois km de pálpebra, eu posso ter o canino torto. Na verdade isso não afetou as principais experiencias felizes da minha vida. Aos 25 ou ate os 30 eu pessoalmente ainda não tinha discernimento pra perceber isso. Agora que eu to chegando perto dos 40 eu tenho mais chão atrás de mim e consigo ver. Minha vida foi feliz, minha vida é feliz e eu não precisei ser perfeita pra isso, então eu so tenho a ganhar agora que eu sei disso.

Branca: Foi aos poucos então, a medida que você foi amadurecendo?

Camila: Não so foi aos poucos como é aos poucos. Eu não sei se essa desconstrução termina em algum momento. Porque é uma desconstrução né. Voce elegiu ou deixou que se elegeisse dentro de você uma ideia de perfeição e você tem que seguir ela porque você não pode ficar pra tras. Se você não exige isso das suas amigas, das outras mulheres, porque você vai exigir de você? Porque você vai ser tao chata, tao cruel com você mesma se você não é assim com as outras? As outras me desculpem mas pode falar palavrão aqui?

Branca: A vontade

Camila: Entao, se você é assim com outras mulheres, va a merda. Se você não é assim com outras mulheres, não seja com você. Se trate um pouco melhor. Eu acho que a gente precisa amplificar e muito essa questão do que é ser mulher. Sei la, eu só sou mulher de saia? Quando eu to de batom? Não, eu sou mulher o tempo todo, de cabeça rapada, de perna peluda eu continuo sendo mulher. A gente não precisa ser uma coisa só.

Branca: Voce falou ai do cabelo raspado, como aqui é radio, ninguém ta te vendo. Como é teu corte de cabelo?

Camila: Nesse momento eu to com um lado da cabeça raspado e outro com uma espécie de topete que vai quase ate o queixo mais ou menos, Mas eu passei um bom tempo usando a cabeça inteiramente rapada no zero.

Branca: Por que?

Camila: Eu uso o cabelo curto desde os 16 anos, faz bastante tempo, e eu gosto muito porque é pratico. Eu pedi pro meu marido aparar as laterais pra mim, ele errou e eu falei então ta vamo rapar tudo. Eu já tinha vestido essa indumentaria de eu sei que não sou normal ou eu sei que não sou maravilhosa e eu não preciso mais ser.

Branca: Tipo assim, eu sei que não to dentro do padrão de beleza esperado e eu vou fazer o que eu quiser.

Camila: Ah vamo chutar o balde dessa porra desse padrão. Quer dizer, eu rapei a cabeça e teve gente que gritou. Minha mae gritou, parecia que eu tinha mostrado um rato morto pra ela. Eu cheguei na casa da minha mae de chapéu pra tentar prepara-la e ai quando eu tirei o chapéu. Ainda bem que ela não é cardíaca, deu pena da expressão dela coitadinha. Mas enfim, ela já superou, mesmo esse topetinho que eu tenho agora eu morro de vontade de rapar. Só não rapei ainda porque eu quero variar um pouco o visual.

Branca: É, ta só metade raspada a cabeça né

Camila: É, só metade. Tem algo de libertador nisso, de mandar seu cabelo pra puta que pariu. O cabelo também é um signo de feminilidade quase obrigatório, eu perdi a conta de quantas revistinhas de adolescentes eu via na minha época em que os meninos diziam se minha namorada cortar o cabelo eu termino, menina eu gosto que nem princesa, com o cabelo bem longo. Eles querem uma coisa que a gente tem que ser. Não, a gente não tem que ser. Se você quiser ter o cabelo longo, maravilhoso, perfeito pra mim também.

Branca: E na adolescência então você via essas revistas, você tinha?

Camila: Eu não tinha o habito de comprar porque eu era muito enjoada, mas sempre tinha alguma colega com isso na mão e claro você le, você quer fazer os testinhos. Caiu na mao a gente lia. Por meio dessas revistas a gente tinha uma primeira noção de relacionamento com menino, o que o mundo espera de você, e na verdade é bem horrível né. Como as vezes a gente não é bombardeado por isso em casa, mas quando a gente sai na rua a gente vê.

Branca: Numa conversa antes da entrevista, você contou que você resolveu não se depilar mais. Essa é uma decisão estética, política, e que reação provoca nas pessoas?

Camila: Acaba sendo um pouco dos dois. Primeiro é uma parte do seu desconforto. Meu desconforto não só com o gesto de depilar, que eu morro de preguiça, eu odeio cera quente, odeio sentir dor, não suporto não aceito. E ai você começa a perguntar mas porque mesmo que

eu estou fazendo isso? Tudo bem a pessoa gosta de se sentir lisinha sem pelos? Tudo bem, eu gostaria de deixar claro que o meu pelo não é uma crítica a ausência de pelo de qualquer outra mulher. Mas assim, porque eu preciso ser assim? Sera que eu não posso ser de outro jeito e ser respeitada?

Branca: Voce falou que seu pelo não é uma critica á falta de pelo de outras mulheres. É visto como critica?

Camila: Quando você defende uma ideia que geralmente é defendida pelo feminismo, por exemplo se eu digo eu não sou obrigada a usar maquiagem, eu não sou obrigada a usar salto alto, sempre tem alguém que diz ah mas tem gente que gosta, você tem que respeitar. Sim, mas a minha existência não é uma afronta a sua. Isso que eu acho que infelizmente as vezes a gente precisa esclarecer, o meu jeito de ser não é uma critica ao seu jeito de ser. O meu jeito de ser é só eu sendo o que eu sou. A minha escolha de profissão não foi por causa disso, mas eu percebi que ela me permitia esse tipo de coisa, que eu não precisava me preocupar tanto. Voce quando é freelancer e trabalha a partir de casa você pensa de vez em quando eu vou me encontrar com pessoas, de vez em quando vai ter colegas de trabalho, clientes em potencial, pessoas a quem você vai distribuir meu cartão de visita, você tenta causar uma melhor impressão né. Ai você pensa qual sera que vai ser a impressão dela sobre mim? Sera que a minha aparência vai se sobrepôr ao que eles imaginam que a qualidade do meu trabalho? Esse receio existe.

Branca: Outro dia eu vi num podcast feminista argentino em que elas estavam discutindo essa questão da beleza e toda essa nova onda da publicidade meio que tentando cortar o feminismo e você tem anúncio de lingerie com mulher gordinha e anuncio de beleza com mulher assim mulher assado e dizendo você pode ser linda do jeito que você quiser. Ai a moça que estava sendo entrevistada falou assim eu queria saber porque que eu tenho que me achar linda, essa é a pergunta, não é que eu tenho que me achar linda do jeito que eu sou. Porque é que eu tenho que acordar de manhã antes de ir pro trabalho e dizer ah quer saber to linda. Porque um homem nunca tem que acordar de manha e dizer hoje eu vou fazer essa apresentação no trabalho e eu não to me achando lindo? Isso não vai acontecer, isso é só com mulher. E eu fiquei pensando essa mulher tem toda razão gente do ceu, ela ta coberta de razão, porque você parte do principio que a coisa mais importante na vida de uma mulher é ser linda. Se não for linda todo o resto não presta pra nada. A questão principal que eu quis levantar nesse texto que você menciona é que eu não preciso me achar linda, eu posso me gostar. Eu gosto de fazer uma comparação. Muita gente tem ou teve um cachorrinho feio, vira latinha, tortinho, esquisitinho, mas cara como você ama aquele cachorro. Se alguém falar mal daquele cachorro você vai sair na mão com aquela pessoa. Não fale mal do meu cachorrinho torto, ele não precisa ser lindo, ele é especial

pra mim. Eu acho que a autoestima precisa atropelar um pouco essa noção da beleza. Eu quero e posso ser feliz sem pensar demais nisso.

Branca: Muito obrigada camila, foi ótimo conversar com você, obrigada

Camila: Obrigada você.

Branca: Chegamos ao fim do quarto episódio da segunda temporada do maria vai com as outras.